

RUY BARBOSA

A IMPRENSA
— E O —
DEVER DA VERDADE

«Conferencia (por pronunciar)
em beneficio do Abrigo dos
Filhos do Povo.

Bahia, 1920»

A IMPRENSA

— E O —

DEVER DA VERDADE

RUY BARBOSA

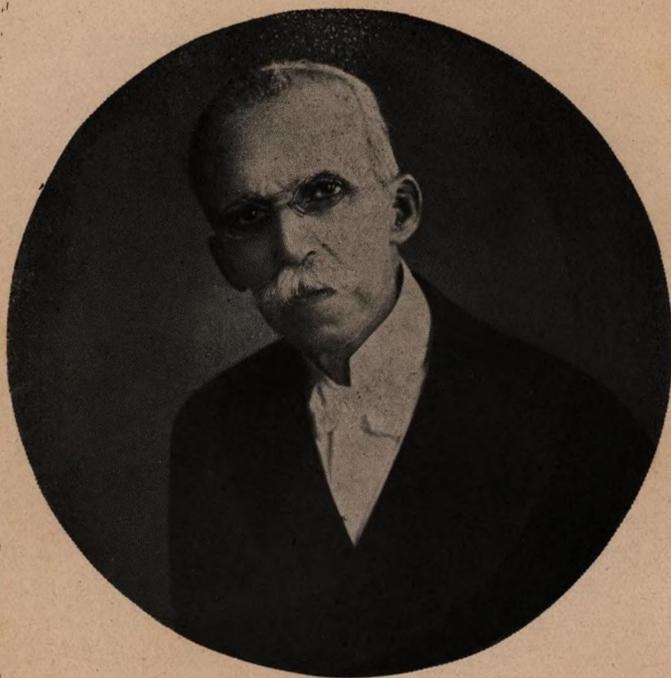
A IMPRENSA
— E O —
DEVER DA VERDADE



«Conferencia (por pronunciar)
em beneficio do Abrigo dos
Filhos do Povo.

Bahia, 1920»

AG 3.2.7.4-4



A Imprensa e o dever da verdade

(CONFERENCIA)

Senhores :

Ninguém terá mais pena que eu dos grandes auditorios condemnados por si mesmos a ouvir as minhas conferencias, largas e derramadas como costumam ser. Ninguém se condoerá mais que eu dessas vastas assembléas, cuja abnegação de si proprias as offerece (coisa estranha e desnatural), tão de sua vontade e tantas vezes, ao supplicio de virem escutar um orador palavreiro e tedioso, qual me pintam os meus inimigos.

Não basta a me absolver de tamanha culpa o serem esses mesmos comícios, e, como os outros, este de agora, os que vêm buscar estas maçaduras, os que a ellas de boa mente se entregam.

Poderiam ser, quiçá, peccadores em via de arrependimento, que, dando neste gênero singular de macerações, quizessem aqui ciliar-se das suas dores de consciencia, sujeitando espinhaço e lombo á rijeza e desmedimento destas.

Então, ainda que se déssem essas boas almas, ellas mesmas, de pura vontade sua, ao tormento dos meus discursos, não era de bom christão desapiedar-me eu tanto do próximo, que me sentisse bem no papel de instrumento destes tractos de bordoadá sêcca em quem m'a não devia merecer.

Mas, senhores, considerae, antes de mais nada, que, se nisto houvera mal, não poderia haver maldade; pois com as minhas moedeiras o primeiro moido, e de ordinario mais que todos, ha-de ser o seu proprio autor.

Attentae, depois, em que nada são do meu gosto estas canceiras, vossas e minhas. Não o são, nem podem ser. Antes a ellas me acúam os meus perseguidores, sem razão, justiça, nem verdade; e, posto entre o cutello e a parêde, ou lhes hei-de entregar a reputação e as idéas como a bolsa a salteadores, ou vindical-as a todo o poder que eu possa, esgotando as larguezas e franquias reconhecidas sempre, em toda a parte reconhecidas, não só na legitima defesa da vida e inteireza physica, como na da honra, na do nome, na das convicções, que mais do que aquell'outra vale e presta.

Isto posto, esta minha a que por ahi chamam prolixidade, bem fóra estaria de merecer os despresilhos, que nesse vocábulo me torcem o nariz. A mais copiosa das orações não é, ainda assim, diffusa, quando o assumpto não comportara menos dilatado tratamento. Não haverá prolixidade, em não havendo sobejidão; e o discurso não entra a cahir no vicio de sobejo, senão

quando excede a medida á materia do seu thema. Só principia a superabundancia, onde se começa a descobrir a superfluidade.

Nestas apreciações de tamanho não se percam de vistas as noções de relatividade e proporção. *A Illiada* consta de vinte e quatro rhapsodias, e de vinte e quatro a *Odysséa*. Já o grande poema de Vergilio, a *Eneida*, não se compõe senão de doze livros, nem mais de outros tantos deu Milton ao seu *Paraizo Perdido*. Com *Os Luziadas* ainda baixa a conta: são apenas dez cantos. Mas os da *Divina Comedia* montam a cem. E quem, por isso, irrogaria ao Dante a nota de perluxo? O florentino responderia, com vantagem, que, onde couberam os heróes de Homero, Vergilio, Milton e Camões, não caberia o inferno, o purgatorio e o paraizo, Deus, o tempo e a eternidade.

Num hectare ha, de certo, muito mais prolixidade que num kilometro quadrado. Mas, evidentemente, onde se accomoda um jardim, ou uma chacara, não haverá espaço, onde chegue uma aldeia, ou uma cidade. Muito mais avulta e pesa um tonel do que um litro. Mas ninguem meterá duas pipas de vinho numa garrafa.

Assim, o escriptor curto em idéas e factos será, naturalmente, um autor de historias curtas, assim como de um sujeito de escasso miôlo na chôla, de uma cabeça de côco velado, não se poderá esperar senão um politico «de breves analyses» ou chôchas tolices. Mas, onde não minguar o couteúdo, não póde ser minguido o continente.

Em quatro palavras se poderá encartar uma calúnia. Mas pode ser que a demonstração da falsidade não caiba toda num discurso. Uma só proposição dará, talvez, para se verter no espirito humano um erro tremendo. Mas, uma vez lançado ao mundo, sabe Deus que de contestações, raciocínios e debates se não cansariam, porventura, ainda assim, de balde, em lhe dar combate

Legítima defesa

Quando, por exemplo, me quizeram criminalizar de inimizade ás classes militares, bastaram duas palavras, para articular a intrujice. Está mesmo nos interesses da mentira a brevidade em investir e saltar; pois quanto mais encolhida, menos dará, por onde acolham. Mas, justamente porque nada miudeia, nada restringe, e não distingue nada, por isso mesmo obriga ella o calumniado a varrer todo o espaço da sua vida, abrangível no vago e amplo da refalsada assacadilha.

Ora esse campo, no meu caso, era o de uma existência, por onde, vae para mais de quarenta annos, se precipitam, quasi em torrente, idéas e actos, agitações e lutas, revezes e conquistas, de que a historia do paiz guarda vestígios sensíveis. E toda essa extensão me era necessario inquirir, correr, esquadrinhar, para tirar a limpo a minha innocencia com os passos do meu caminho, com os documentos da minha acção, com os pedaços da minha vida.

Sem esses dados palpaveis de liquidação, acabaria eu, por fim, malbaratando tempo e trabalho. Era materializando a prova, meridianizando a evidencia, mathematizando a certeza, que, eu havia de oppor, um dia, paradeiro mortal a invencionice de tão má morte, mas tão dura de morrer.

Como, porém, vingaria eu não me sahir em vão desse intento, a não ser juntando a cada asserto o seu documento especifico? a não ser avultando cada episodio relevante no seu meio historico, por onde se lhe aviste a expressão, e se lhe descubra o character? a não ser ganhando á intriga palmo e palmo a superficie, onde ella se incrustou como sarna castelhana? a não ser carregando o discurso de copiosidades e longuras, a que não perdoaria um orador galante, ligeiro e cortezão do mimo de ouvintes melindrosos?

O orador e seus auditorios

Pouco se me dará, pois, de que, entre certa laia de gente, se abocanhem de estopadas estes meus colloquios com o povo, quando os que delles se maçam não vêm a ser, afinal, senão os que elles amassam. Em vez de os desaparecer por excesso nas dimensões, como a generos de refugio, nos quaes com a quantidade apenas varia o custo do carrêto, muito mais justo seria havel-os na estima, em que os deve cotar a honra do acolhimento, com que sempre me têm distinguido, em condições extraordinarias de apreço e applauso, todos os auditorios, entre os quaes até agora se me deu aso de fallar.

Não negaria eu, de certo, quanto vae de temeridade em me alongar tanto quanto da medida usual me tenho alongado, quando me abalanço a fallar, como tantas vezes me tem acontecido, a multidões por tres e quatro horas a reio. Mas não será menos certo que, durante essas tres ou quatro horas de enfiada, me têm ellas sempre escutado a pé, quêdo, não a se espreguiçarem, não cochilando, bocejando, ou sussurrando, mas a tento, commovendo-se, exaltando-se, indignando-se commigo, sublinhando, pontuando, interrompendo, a cada periodo, a cada momento, ás vezes phrase a phrase, com os signaes mais calorosos de adhesão, com applausos geraes, com apartes de solidariedade, que não raro vão até além da intenção do orador; e, ao acabar de cada um desses meus estirões, que a incansavel acrimonia dos meus desaffectedos pinta como chôrros de palavreado, o recinto contém ainda a mesma concorrencia do começo, não augmentada, porque já de principio mais não comportava.

Ora nunca houve, em nenhum desses comencios que me têm dado a honra de affluir aos meus sermões de pregador excommungado pelos orthodoxos do poder e seus asseclas, — em nenhum delles houve jamais attractivos de especie alguma, com que se pudessem desentediari ou vintes aborrecidos. Nem cantores, como na opera. Nem intervallos, como no theatro. Nem symphonias, como nos concertos. Nem musicas, como nas festas. Nem distrações de qualquer ordem, como nos jogos, nas corridas, nos bazares, nas kermesses. Nada mais que o orador e a sua

oração, espraçada em horas successivas de audição ininterrupta.

Que enigma então seria o do persistir de taes concorrencias, o da renovação e vibração desses auditorios pés de boi e coiros de anta, que, quanto mais sovados, mais agradecidos pela sovadura, mais enthusiasmados com o sovador? que armazenam horas de sova, palmeando, em logar de gemerem, ou dormirem, de vaiarem, ou se evadirem? que, convidados outras vezes, outras tantas volvem, recontentes, ao sovadoiro, como se, insaciaveis de moidelas, ardessem, na inconcebivel mania, por novos derreaços? Que mysterio seria o dessa attracção inexplicavel, a não suppormos no publico das mais cultas metropoles brasileiras, um mal desconhecido, uma especie de cretinação ainda não registada nos quadros nosologicos do hebetismo?

Nesses concursos extraordinarios, que, aqui, no Rio, em Minas, em S. Paulo, me têm dado tantas vezes a sua attenção, e com o fervor das suas sympathias me têm aviventado, vimos representar-se, vezes sem conto, a nata da sociedade brasileira, a flor das suas várias classes, o escol de todas as profissões, o melhor da nossa cultura.

Todos esses elementos selectos da nossa civilização, todos esses dignos exemplares das nossas qualidades moraes, toda essa contribuição da intelligencia nacional, do progresso nacional, do civismo nacional, se têm juntado, entretanto, e tornado a juntar, innumeradas vezes, para ouvir e applaudir, animar e victoriar, nas suas reincidencias, o brasileiro degenerado, o malfeitor

publico, o cadimo réu de incivismo, que, de relapsia em relapsia, acabou constituindo-se o criminoso-mór do Brasil, o escandalo do seu pudor, a trombeta da sua deshonra.

O grande criminoso

Ouvistes bem, senhores? (Volvo a este assumpto, porque as provocações reteimam.) Atten-tastes bem, senhores? Ha, hoje em dia, nesta nossa terra, um réprobo, um precíto, um anátHEMA da nação, que, de uma politica, uma sociedade e um regimen candidos como o arminho e intemeratos como a neve, põe timbre em phantasiar um regimen, uma sociedade e uma politica indignas de um povo livre, de uma raça honesta, de uma sociedade civilizada. Esse mania-co da infamação de seu paiz sou eu. Na pureza da honra desse paiz só uma nodoa existe: a da minha existencia.

Se, daqui ha dois annos, ao celebrar do nosso centenario nacional, me houvesse Deus chamado á sua paz, o nosso torrão natal se acharia escorreito, limpida a nossa reputação como a de um recém-nascido, esplendente a nossa candidez como a de uma estrella desnublada; e, no brodio da emundação desaggravadora, poderiam bailar a ronda dos innocentes, sobre a minha maculada memoria, os moralistas do segredo, os doutores da hypocrisia e os rabbinos da mentira.

Segrêdo e mentira

Vêde, senhores, vêde se não é a clandestinidade, a hypocrisia, a mentira o que elles querem, e se lhes meteu nos cascos obrigar-me a querer.

A minha culpa mais crime de lesocivismo está em clamar contra uma praga publica, de cuja existencia todos sabem, todos se lastimam, todos se aterram, mas na qual poucos ousam pôr a bocca; porque, murmurando-a, se arrisca o temerario aos despiques de um poder irresponsavel, que, moralmente, põe e dispõe da vida e da morte, dando ou tirando a honra, erigindo ou demolindo nomeadas, convertendo a santidade em corrupção e a corrupção em santidade.

A imprensa

A imprensa é a vista da nação. Por ella é que a nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe occultam e tramam, colhe o que lhe sonegam, ou roubam, percebe onde lhe alvejiam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça.

Sem vista mal se vive. Vida sem vista é vida no escuro, vida na soledade, vida no mêdo morte em vida: receio de tudo; dependencia de todos; rumo á mercê do accaso; a cada passo accidentes, perigos, despenhadeiros. Tal a condição do paiz, onde a publicidade se avariou, e, em vez de ser os olhos, por onde se lhe exerce a visão, ou o cristal, que lha clareia, é a obscuridade, onde se perde, a ruim lente, que lha turva, ou a droga maligna, que lha perverte, bstando-lhe a noticia da realidade, ou não lha deixando senão adulterada, invertida, enganosa.

Já lhe não era pouco ser o órgão visual da nação. Mas a imprensa, entre os povos livres, não é só o instrumento da vista, não é unicamente o aparelho do ver, a serventia de um só sentido. Participa, nesses organismos collectivos, de quasi todas as funcções vitaes. E', sobre tudo, mediante a publicidade que os povos respiram.

Todos sabem que cada um de nós tem na acção respiratoria, uma das mais complexas do corpo, e uma das em que se envolvem maior numero de elementos organicos. A respiração pulmonar combina-se com os tecidos, para constituir o systema de ventilação, cuja essência consiste na troca incessante dos principios necessarios á vida entre o ar atmospherico e o sangue, da circulação do qual vivemos. Nos pulmões está o grande campo dessas permutas. Mas os musculos tambem respiram, e o centro respiratorio se encontra, bem longe do aparelho pulmonar, nesse bulbo mysterioso, que lhe preside á respiração, e lhe rege os movimentos.

Da mesma sorte, senhores, nos corpos mores, nas sociedades humanas, essa respiração, propriedade e necessidade absoluta de toda cellula viva, representa, com a mesma principalidade, o papel de nutrição, de aviventação, de regeneração, que lhe é commum em todo o mundo organico, animado ou vegetativo.

Nos individuos, ou nos povos, o mundo espirital tambem tem a sua atmospheria, donde elles absorvem o ar respiravel, e para onde exhalam o ar respirado. Cada um dos entes que se utilizam desse ambiente incorpóreo, desenvolve, na sua existencia, graças ás permutas que com

esse ambiente entretêm, uma circulação, uma actividade sanguinea, condição primordial de toda a sua vida, que d'elle depende. Não ha vida possível, se esse meio, onde todos respiram, lhes não elabora o ar respiravel, ou se lhes deixa viciar do ar respirado.

Entre as sociedades modernas, esse grande apparelho de elaboração e depuração reside na publicidade organizada, universal e perenne: a imprensa. Eliminae-a da economia desses seres moraes, eliminae-a, ou envenenae-a, e será como se obstruisseis as vias respiratorias a um vivente, o puzesseis no vazio, ou o condemnasseis á inspiração de gazes lethaes. Taes são os que uma imprensa corrupta ministra aos espiritos, que lhe respiram as exhalações perniciosas.

Um paiz de imprensa degenerada ou degenerescente é, portanto, um paiz cego e um paiz miasmado, um paiz de ideas falsas e sentimentos pervertidos, um paiz, que, explorado na sua consciencia, não poderá lutar com os vicios, que lhe exploram as instituições.

Do optimo ao pessimo

Optimo facilmente desanda, aqui, no pessimo. Quanto maior o bem, maior o mal, que da sua inversão procede. Nada mais util ás nações do que a imprensa na lizura da sua missão. Nada mais nefasto do que ella mesma na transposição do seu papel. Se o fiel der em ladrão, não haverá, neste mundo, ladrão tão perigoso. Porque bem poucos são os que dos seus guardas se guardam. *Quis custodiet custodes?* Sendo elles os a quem

se confia a chave ou a vigilância da caixa, em se lhes inclinando o animo á prevaricação, o remédio já chegará tarde, quando a malversão já houver levado os malversadores ao senhorio, e reduzido á sujeição os enganados.

Todo o bem que se haja dito, e se disser da imprensa, ainda será pouco, se a considerarmos livre, isenta e moralizada. Moralizada, não transige com os abusos. Isenta, não cede ás seducções. Livre, não teme os potentados.

Na sua liberdade, já em 1688, via o parlamento de Inglaterra “o unico recurso prompto e certo contra os maus”. E não exaggerava. Como não exaggerou Sieys, dizendo que “não ha liberdade sem a da imprensa”. Como não exaggerou Royer-Collard em dizer que “a imprensa, ainda mais que necessidade politica, é uma necessidade social”. Como não exaggerou quem disse que a imprensa é a garantia de todas as garantias. Como não me parece ter exaggerado quem escreveu que a civilização, extinto o jornalismo, nos daria a impressão de um como fim do mundo.

Mas, se não ha demasia em tantas e taes homenagens (nem lhas terá ninguem rendido mais do que eu) e se os direitos dessa instituição providencial vão ao ponto de entenderem, num paiz de bom senso como a Grã-Bretanha, estadistas do genio de Pitt que “a imprensa deve tocar o encargo de se corrigir a si propria”, — por isso mesmo não ha, para qualquer sociedade, maior desgraça que a de uma imprensa deteriorada, servilizada, ou mercantilizada.

Tão pouco haverá bem mais arriscado a depravar-se em mal do que esse bem dos bens,

numa nação como a nossa, cujo governo, de relações ordinariamente extinctas com os seus deveres, busca apagar as luzes e correr os reposteiros sobre as scenas da sua habitual immoralidade.

Mau governo, má imprensa.

Todos os regimens que descaem para o absolutismo, vão entrando logo a contrair amizades suspeitas entre os jornaes. Bem se sabe, por exemplo, o que, a tal respeito, foi o imperio de Napoleão III. Mas na Allemanha, debaixo da influencia bismarckina, é que se requintou, em proporções desmedidas e com inconcebivel generalidade, essa annexação da publicidade ao governo.

Vae por cerca de cincoenta annos que um historiador prussiano, dos mais notaveis de sua terra, o professor Wuttke, lente na universidade de Leipzig, escrevia o seu celebre livro sobre a verba dos reptis (*Reptiliensfund*), livro classico no assumpto.

Por elle se veiu a saber que, com o nome de *Repartição da Imprensa*, "Bismarck estabeleceu, ás margens do Spréa, a mais vasta *fabrica de opinião publica* até então conhecida, e lhe derramara as filiaes pelo mundo inteiro.

E' um depoimento estupendo acerca desse terrivel mecanismo, graças ao qual, ha mais de meio seculo, já o gabinete de Berlim se considerava "senhor de toda a imprensa". Foi por esse meio que se apparelhou a victoria allemã contra a Austria, em 1866, se vingou o triumpho

alleião contra a França, em 1871, e estava organizada para 1914, a inundação do mundo pela Allemanha.

Por meio desses recursos diabolicos  que, desde a falsificação da ordem do dia de Benedeck, no primeiro desses assaltos, e a do telegramma de Ems no segundo, até as monstruosas fabulas que caracterizaram o terceiro, se mal-leou, nas forjas da mentira, para a execução das vontades da casta militar, essa nacionalidade enganada e allucinada, que desperta agora aturdi-da entre as decepções da mais inesperada realidade.

A surpresa desse acordar entre ruinas taes, desse cair de tão vertiginosa altura em tão incommensuravel abysmo, lampeja com uma clari-dade sinistra sobre o regimen, que ora se vae in-troduzindo no Brasil, de apagamento da consci-encia das nações pela immerso habitual do seu espirito e costumes na cultura da mentira.

Maus exemplos

Ora, assim nas autocracias, como nas oli-garchias, o poder corre ao encontro dos maus exemplos, como a limalha ao do iman.

No Brasil, a monarchia não padeceu, sen-sivelmente, desse vicio. Mas a republica, ader-nando logo ao começo da sua inauguração cons-titucional, como nau que mete agua dentro ao sah ro do porto, sympathisou com esses modelos, e foi já, desde os seus mais verdes annos, pre-maturando, com a corrupção da sua primeira ede a obra do tempo.

Irresponsabilidade

Só onde os povos se costumaram a tomar contas aos seus administradores, e estes a dar-lhas, é que os homens publicos apreciam as vantagens dos regimens de responsabilidade.

Nestes aleijões constitucionaes da America latina, como o Brasil, nestes miseros tolhiços de republicas, que, taes qual o pau torto de nascença, tarde, mal ou nunca se endireitam, o ideal dos governos está na irresponsabilidade.

Essa intransigencia em que o nosso mundo politico se abrasa pelo systema presidencial, negando pão e agua a qualquer traço de ensaio das formas parlamentares, não se origina, realmente, de nenhum dos motivos assoalhados, não tem nascença em considerações de ordem superior, não vem de que os nossos politicos bebam os ares pela verdadeira pratica republicana. Não, senhores. Pelo contrario, o de que se anda em cata, é só da irresponsabilidade na politica e na administração.

Na irresponsabilidade vae dar, naturalmente, o presidencialismo. O presidencialismo, se não em theoria, com certeza praticamente, vem a ser de ordinario, um systema de governo irresponsavel.

São os sólidos costumes politicos dos Estados Unidos e o vigor daquella extraordinaria democracia o que alli escoima o presidencialismo desse character, para volta ao qual, aliás, de contínuo lhe está fazendo força a indole do regimen.

Imprensa e presidencialismo

A expressão dominante desses costumes é a imprensa, que, nos governos dessa fórmula constitucional, substitue, como órgão da opinião pública, o mecanismo da responsabilidade ministerial nos países parlamentares.

Éra mister, pois, inutilizar a imprensa, tirando a virilidade, emasculando-a n'alma, jarretal-a de pés e mãos, para não atacar, nem resistir, avezal-a a pôr loja de algibebe e casa de encobrideira, ondê os governos sobrevestissem os rebuços das suas mascaradas, e encantoar, com as prêsas dos seus crimes, a verdade dos seus actos.

O peor messalinismo

Converter o nosso jornalismo, todo, em feira de chatins, certo que o não poderiam. A melhor e, com probabilidade, a maior parte delle escaparia do vergonhoso industrialismo.

O cálculo, porém, está em que, encravados alguns focos de pestilencia no meio do povoado, todo elle, de grau a grau, se vae apestando.

Mas o fino da esperteza consistiria, principalmente, em que, contestando a imprensa com a imprensa, fronteando com a imprensa veraz a imprensa professa na mentira, açulando contra a imprensa incorrupta uma imprensa de todas as corrupções, lograria este systema desatinar a opinião publica, deixal-a muitas vezes indecisa entre o rosto da verdade e o da mentira, ou, muitas outras, induzil-a a tomar a pista falsa pela verdadeira.

Nestas suas traças não errou o tino dos politicos brasileiros. Muitas almas se abroquelaram á sua inteireza, e não caíram. O jornalismo não perdeu todos os presidios da sua honra. Mas ainda aqui se viu que é sempre sem numero o numero dos tratantes, que a ralé dos traficantes não tem conta. Ao derredor do poder formigueja a multidão venal, e os governos, se algum embaraço topam, é em dar vazão ao numero de mascates da palavra escripta.

Por mais que o publico os conheça, estes vacillam, aquelles desnorteiam, aquell'outros já suspeitam, ou chegam a crer, e, quando não pegam as bichas no paiz, vão pegar no estrangeiro, onde as agencias amezendadas ao banque do orçamento roboram com a venalidade telegraphica a venalidade jornalistica, irmanadas e amatolotadas na obra torpe de embair a nação e o mundo.

Toda essa triste sucia, pôdre dos quatro costados, não distingue entre Deus e o demo. Mas tem a religião do embornal, guarda a fé na manjadoura, ou no côcho, e adora o milho. O milho é o idolo dos afocinhadores da mentira.

Outrora se amilhavam asnos, porcos e gallinhas. Hoje em dia ha gallinheiros, possilgas e estrebarias officiaes, onde se amilham escriptores.

Mas, de cúmulo em cúmulo, a mais, ainda, é que, no proprio seio do jornalismo, se lança de uns a outros o labéu de "amilhado", e, entre os seus membros, nas reconvenções e retaliações e recriminações ordinarias, se conjuga em todos os tempos, modos, numeros, ou pessoas, o verbo *amilhar*.

Eis o que eu digo, o que eu disse, o que eu tenho dito, o que eu direi; e, se todos o não disserem commigo alto e bom som, passo e baixo todos o dizem, nem haverá quem o não diga.

Assim, pois, de bocca em bocca, e de ouvido em ouvido, e de conversa em conversa, e de sussurro em sussurro, neste dizer de toda gente murmura, cresce, engrossa, por ahi fóra, a voz geral, o escandalo geral, a crença geral de uma prostituição de consciencias mais contagiosa que a das mulheres de máu viver, de um messalinismo peior que o dos lupanares, custeado a expensas do Thesoiro Nacional ou dos thesoiros dos Estados, para burlar a nação, endeosando os seus emporcalhadores, e atassalhando com ultrajes inauditos os seus homens de honra.

Rascas na assadura

Não será esta a verdade? Se o não é, levante-se dentre vós, senhores, um homem de franqueza e m'ò conteste. Não se levantará, de certo, ninguém. Lá fóra mesmo, quando sôa alguma voz a gaguejar doutorices e gravidades, a pleitear indulgencias e biocos, todo o mundo está sentindo, nessas sabichonarias de protocollo, nesses desmentidos mal engrolados, a fortuna das secretarias, o bafio dos arranjos encapados, as advocacias em causa propria, as rascas na assadura dos abusos denunciados.

Confessos

Porque, senhores, a verdade tristissima dessa nossa desmoralização já se tornou historica. Nem se contesta mais senão para os basbaques da galeria.

Não é só a prova circumstancial o que a põe de manifesto. Não é só a prova sobejamente clara na evidencia dos factos. E', ainda, mais visivel e materializada no rosto dos autos; pois até provas de confissão aqui temos. *Reum confitentem habemus.*

Ahi por começo deste seculo ou fins do outro, quando eu redigia *A Imprensa*, argui o governo federal de subornar jornalistas; luxo, que, segundo testemunhos, cuja fé me não podia deixar em duvida, já nos andava custando alguns milhares de contos.

A publicidade presidencial negou rasamente a increpação, taxando, com aspereza, de calumnia redonda a minha denuncia. Não se desembolsara. Não se desembolsara coisa nenhuma com os honrados periodistas, daquelle tempo, que ainda não vae longe, apesar de se fallar em seculos no cômputo da sua extensão. Illibados eram todos. A taça do enthusiasmo, que cada manhã se lhes enchia e transbordava, era, desde o fundo até ás verteduras, limpa de interesse. Não havia laivo metalico entre as bolhas do champanha espumejante nas homenagens ao governo.

Pois bem, senhores. Annos depois escreve o presidente de então as memorias da sua passagem pelo Cattete. Estava, ao parecer, o illus-

tre politico em maré de sinceridade e candideza. Deu-lhe para fallar com o coração nas mãos. Presentia—quem sabe?—presentia, talvez, acercar-se-lhe o dia da conta, que a todos nos ha de chegar, e fazia como os religiosos de certos mosteiros de outro tempo, que, antes de se acostarem á cama, se metiam no expulgatorio, para sacudir o fato, e não levarem aos colchões os incommodos insectos.

O honrado brasileiro quiz expurgar-se para a eternidade, desinçando a consciencia, em acto publico, do pulguêdo, que o mordera na consciencia, o esmordaçava na reputação, e ainda o estariam mordicando nos escrupulos.

Quiz, e fez. Poz a bocca no mundo e confessou, a mêdo, nas confidencias do testamento, o que, durante a vertigem da sua possança, mandara desmentir com indignação e desabrimiento. Gastara, sim, gastara com a imprensa mas não tanto quanto os malevolentes haviam propalado.

Aqui estão as suas proprias palavras. «Qualificando de criminosa a minha conducta», dizia elle, «e pretendendo dar uma aggravante ao crime, os adversarios do meu governo fizeram constar que as despezas com a imprensa montaram a uma somma avultadissima, que calcularam em seis a oito mil contos.....»

O meu cálculo, senhores, não subia a tantos milheiros. Mas continuemos a escutar a voz de além-tumulo :

«No Banco do Brasil», proseguia o depoente, «encontra-se a conta corrente do movi-

mento do Thesoiro, *onde eram escripturadas estas despezas* que não excedem a mil contos de réis.» (CAMPOS SALLES: *Da Propaganda á Presidencia*, pag. 358).

Ahi está, senhores. Que mais eloquente documento historico se poderia imaginar, ou exigir, do que este? Nelle tendes confessada, por um ex-presidente da mais orthodoxa honestidade, a compra de jornaes pelo governo, ou o derrame, pelo governo, de liberalidades pecuniaras entre os jornaes.

A linguagem não lhe deslisa de serena, senão para extranhar aos seus adversarios a injustiça de o tomarem por alvo de censuras, «pretendendo» ver nesse uso administrativo «uma aggravante do crime», para dissimular o qual o presidente da republica untava com essas gotas de óleo bento as castas unhas de sua publicidade.

Consciencias obliteradas

O culpado não dava fé, nem de longe, de que se pudessem resentir de impuridade, ou, sequer, de indelicadeza, os estylos de alliciar apologias da administração, á custa, á revelia e ás encobertas dos contribuintes. Não percebia que o governo enganava os contribuintes, a quem deve lisura e verdade nas contas, quando lhes inculca de sincera uma publicidade venal, de expressão do sentimento publico a do interesse de escriptores vendidos

Não, senhores, não o percebia; e é para esse estado singular de consciencia que chamo a vossa attenção.

Tal estado d'alma não se pode conceber em homens daquela posição e cultura, a não ser como effeito da saturação geral do sociedade nos vicios a respeito dos quaes se caiu numa insensibilidade tamanha, que já se faz gala do sambenito, e não só não se julga necessario articular escusas, mas até se leva a censura a crime de ousadia, se não de maldade, ou perversão moral.

Se já não estivesse habituado o paiz a considerar esse mercenarismo como trivial na politica brasileira, seria admissivel que um presidente de republica, tido e havido geralmente por honrado, confessasse haver gasto mil contos do erario nacional na peita de jornalistas, sem murmurar uma desculpa, ou recorrer a uma attenuante, antes levando a mal que alguém descobrisse nessa liberdade com os dinheiros publicos uma circumstancia aggravativa dos actos, cuja innocencia não se pudesse mostrar por outros meios?

O codigo penal

Mas as despezas referidas com tão rematada simpleza e segurança de animo num documento de tão alta solemnidade, estão positivamente capituladas como criminosas na legislação brasileira, onde o codigo penal, no art. 221, qualifica de peculato o «subtrair, consumir ou extraviar dinheiros da fazenda publica», entregues «á guarda ou administração» de quem os extravia, consome ou subtrae, e a lei de responsabilidade do presidente da republica averba, em delinquencia contra a guarda constitucional dos di-

nheiros publicos, os actos presidenciaes, que «disparem os bens da União, ordenando despezas não autorizadas por lei».

Pouco faz ao caso que, em lugar de seis ou oito mil, apenal mil fossem os contos de réis malbaratados. Interessaria, sim, ao caso quanto ao prejuizo, que seria menos avultado. Mas semelhante consideração, meramente financeira, não entende nem com a esphera moral, nem com a criminal. E', pois, de segunda ordem.

O essencial está no que respeita á criminalidade; e, ahí, a quantia monetaria não entra em linha de conta. Nos delictos contra a propriedade, particular, ou publica, não se engravece ou aligeira o character do crime com o ser de maior ou menor grandeza a importancia do damno causado, ou da somma subtrahida. A malversão não avulta, nem minhúa, com a maior ou menor monta dos bens malversados.

Dest'arte se pronuncia a lei escripta; e não me consta que reze de outro modo algum systema de moral, salvo o contemplado na ironia do proverbio, e segundo o qual *quem pouco furta é ladrão, quem muito furta, barão*.

Ainda a confissão

Mas, senhores, não será bom que se cerceie a tão instructivo depoimento a sua parte complementar, que o torna ainda mais elucidativo. O ex-presidente, cuja testificação, pouco há, ouvimos, lhe appensa esta curiosa nota :

« Tenho em meu poder uma nota rubricada por um dos ex-director do Banco da Republica, detalhando as despesas mensaes com o serviço dn imprensa, que accusa um total de Rs. 894:996\$080 — até de 16 de dezembro de 1901. Ora, em 1902, essas despesas foram consideravelmente reduzidas, e a simples leitura dos jornaes, sobretudo a escandalosa reviravolta que se operou na attitude de alguns delles com relação ao Governo, deixam ver com a maior evidencia que as subvenções tinham quasi cessado. E', portanto, bem calculada a totalidade geral, em cerca de 1.000:000\$000. »

Deixemos de parte o cômputo dos mil contos, notando sómente que o interessado não precisa, não determina: calcúla, avalia, conjectura. Nos tres annos até dezembro de 1901 orçaram as generosides com o jornalismo em oitocentos e noventa e quatro contos, a saber, cerca de trezentos por anno. Mais em 1902 esses desembolsos não passariam de coisa, ahí assim, de uns cem contos, porque, nesse periodo, nos diz elle, « essas despezas foram consideravelmente reduzidas. »

Mas a prova, a prova dessa redução?

O juiso dos corruptores

Só uma nos dá o presidente accusado. Essa, porém, se lhe affigura escusar qualquer outra, e vem a ser, meramente, a que outra vez ides ouvir:

« Em 1902 essas despesas foram consideravelmente reduzidas; e a simples leitura dos jornaes, sobre tudo a escandalosa reviravolta que se operou na attitude de alguns delles com relação ao governo, deixam ver com a maior evidencia que as subvenções tinham quasi cessado.»

Eis ali, senhores. Quereis saber se « as subvenções » aos jornaes (ouvi bem: *as subvenções* aos jornaes), quereis saber se as subvenções, aos jornaes, cessaram, ou persistem, se enchem, ou vasam? Pois « a simples leitura dos jornaes » vol-o « deixará ver com a maior evidencia na attitude delles para com o governo.»

Benigna attitude? E' que os jornaes estão subvencionados. Attitude hostile? E' que já não estão subvencionados os jornaes. Melhora a linguagem das gazetas? Signal claro de que as subvenções engrossam. Peiora? Signal certo de que se adelgaçam. De sorte que, gisada segundo os traços deste debuxo de quem « sabe d'arte », porque a praticou, e conhece o typo, com que travara familiaridade, seria a imprensa um como realejo, cuja manivela está nas subvenções.

Quem o terá dito? Eu? Não.

Quem o diz, o repete, o accentua, o sancione, o innocenta, e o assoalha como coisa correntia e apenas criticada entre maldizentes, é um antigo presidente da republica brasileira, que, criminado por indiscretos de corromper jornalistas, se descarta a si mesmo da taxa de corruptor, dardejando contra o jornalismo a de habitualidade na corrupção.

Mais factos

Já com este elemento historico não ficaria pouco adeantada a minha demonstração da venalidade propinada pelos nossos governos á imprensa. Mas, depois, vimos passar outra administração de quem a imprensa mesma contou que largueara, para os alfinetes, um mimosito de seus oitocentos contos a certo jornal bem conhecido.

Mais tarde veio á luz dos prelos outro caso, de menos grossura na quantia, mas, pelas circumstancias, talvez de caracterização ainda mais escandalosa. Era de um telephonema do presidente da republica ao director do Banco do Brasil, para meter no bolso de certa redacção em apertos financeiros a somma de duzentos contos de réis. O recado telephonico se cumpriu á risca, e o feliz periodista entrou no gozo de mais essa munificencia, como quem tem a dentadura veseira no traquejo da marmelada.

Correndo essa mesma administração, tive ensejo eu proprio de a combater no senado, mostrando, com a exhibição photographica dos mais authenticos documentos, as larguezas de um dos seus ministerios, no habito de lubrificar Marinonis com o azeite do Thesoiro. A papellada e seus commentarios ficaram nos annaes do Congresso Nacional, onde o historiador os encontrará bem á mão, quando quizerem desentroupar a nossa hypocrisia republicana, e lhe estudarem as ulceras a olho.

Ainda agora mesmo um dos nossos mais antigos e bem medrados periodicos, arguido nominalmente de useiro nesses negocios, vassoitou

a sua frente, asseverando que o governo passado «subornou jornalistas», e que, sob essa administração, «os dinheiros publicos, para corrupção da imprensa, foram todos conscienciosamente applicados com a compra do apoio dos jornaes serios», excluindo elle, naturalmente por ser o mais serio de todos.

O caso das ultimas emissões

Os amigos dessa presidencia acudiram, recentemente, em seu soccorro, a proposito do emprego da emissão de 150.000 contos, consignadas ás despezas militares, que se dizia estramalhada, em grande parte, com o alliciamento de folhas publicas. A defesa do ex-ministro da fazenda, tecida em geral, com habilidade, pareceu a muitos concludentes quanto a mostrar que do Thesoiro nada saiu senão a titulos de gastos com a defesa nacional.

Mas tambem a seiva que sobe da terra, pelas raizes, caule ou tronco acima, leva, toda ella, ao partir, o destino de alimentar a planta; e, todavia, muito daquelle succo lhe vão desviando pouco e pouco, de caminho, os ladroeiros, com os quaes se deixa ficar á surrelfa boa parte do viço, insensivelmente subtraído á sua missão nutriente.

Os processos financeiros do suborno administrativo não são diversos. No Thesoiro as saídas são sempre bem escripturadas. Na matriz os rótulos de cada gasto condizem, de ordinario, com as averbações do orçamento. Até os ministerios, geralmente, a distribuição vae regular-

mente encaminhada. Alli, porém, começam as verbas secretas, as despesas escusas, os transvios subrepticios, as manobras fraudulentas, o trabalho indevassavel de simulação e dissimulação, por onde se some tudo o que as más administrações têm motivos para sonegar ao paiz.

Depoimento capital

Vamos, porém, ao ponto. No lustroso arrazoado parlamentar, em que se trocou, e pelo qual se julgou bem substituído o inquerito reclamado, ha uma passagem notavel pela clari-
dade que verte sobre a questão capital da mercantilidade jornalística, alimentada pelos mane-
jos officiaes.

O illustre orador, encarecendo as glorias do governo Wencesláu Braz, adduz, entre os elementos historicos reunidos para a sua canoni-
zação, um episodio realmente milagroso no seu contraste com o teor ordinario da nossa moral republicana.

O rasgo, alli celebrado, foi o que se vae ver. Eil-o :

« S. Ex. justamente apavorado diante das despesas publicas, crescentes no Districto Federal, deliberou a reforma do systema tributario, aliás, na minha opinião muito acertadamente procurando alterar os impostos antigos e crear novos para acudir aos « deficits » avultados desse tempo. Como era natural, o Sr. prefeito encontrou a maior opposição por parte da imprensa, e elle, em conversa

com o ex-presidente da Republica considerou que era um dos casos em que justamente a *subvenção* se podia applicar, lembrando que Campos Salles, homem de alta moralidade, para conseguir as importantes reformas financeiras levadas a effeito por Joaquim Murinho, e que representaram, no assumpto, o mais notavel serviço que já se prestou ao Brasil, Campos Salles se viu na contingencia de *moderar, attenuar por meio de subvenção* a attitude da imprensa, que procurava levar a opinião as classes populares até o protesto á mão armada.

O prefeito do Districto Federal considerava que era caso em que se legitimava a subvenção á imprensa, e o Sr. Wencesláo Braz divergiu do prefeito Sodré. »

Ninguem regateará, depois disto, ao nobre ex-presidente da republica direito de ingresso ao *Flos Sanotorum* ou ás Vidas de Plutarco. Tão raros já vão sendo entre nós estes clarões da honestidade outrora ordinaria, entre nós, e ainda não absoleta nos primeiros annos desse regimen.

O que, porém, não caberia nem nas paginas dos *Varões Illustres*, nem nas do *Agiologio*, é a linguagem, onde exaltando-se, com plausibilidade, até á mansão dos heroes, um chefe da nação, por não venalizar a imprensa, par a par com esse hymno a taes virtudes se dá fôro de innocencia aos governos que a venalizaram, ou venalizarem.

Subvenção ou suborno ?

Nessa linguagem, com effeito, se adoça com o nome de “subvenção”, com a indulgencia deste honesto euphemismo, a dilapidação e o peculato commettidos, com rosto sereno e mão largas, pelos governos que assalariam jornaes, quando (toda a gente o sabe) por tal nome, pelo nome de *subvenção*, familiar ao uso juridico, administrativo e politico, nunca se designou senão o auxilio legal, outorgado legalmente a quem por lei se pode outorgar.

Nessa linguagem se honestiza como exemplo digno de “um homem de alta moralidade” o do chefe de uma democracia constitucional, que poz a seu soldo jornalistas, pretendendo-se que, se elle perpetrou abuso tal, foi porque “*se viu na contingencia de moderar e attenuar, por meio de subvenção, a attitude da imprensa.*”

Nessa linguagem se admite a hypocrisia de eventualidades, em que o governo possa entrar, de bolsa aberta, pelas redacções de jornaes, como a libertinagem pelas casas de tolerancia. Quando, evidentemente, em todo e qualquer caso, esses negocios abjectos são actos de lenocinio, dos quaes ambas as partes saem contaminadas. Quando o que fazem os administradores publicos, tomando escriptores de aluguel, para darem por suas as convicções, que lhes dita o suborno custeado pelos subornadores com dinheiro alheio, é mascararem de honradez o proxenetismo, e de verdade a mentira. Quando, em summa, com a torpeza desses costumes, os agentes do poder il-

ludem a nação, de que são mandatarios, dilapidam o patrimonio collectivo, de que são guardas, e lhe infestam a politica de uma casta de parasitas (a mais maligna dos conhecidos no mundo moral) tão vis quanto virulentos e insaciáveis.

Como a politica julga a imprensa

Mas naquelle discorrer, de um homem aliás consideravel pelo talento, pela cultura, pela situação, pela estima dos seus pares, o que sobressae, não é só a imagem, espelhada nas suas palavras, das avarias, com que a corrupção do regimen tem deteriorado o senso moral dos nossos estadistas, senão tambem o juizo, que elles, em publico e raso, articulam cerca da nossa publicidade, retratando-a com os habitos de mercadora das proprias opiniões, ás quaes se dá o rumo, se "modera ou attenua" o registo a peso de ouro.

Eis, senhores, como a politica, pelas suas figuras mais gradas, julga a imprensa.

Mas a imprensa, de que taes fealdades ajuiza a politica, não se sentiu da pintura, não a taxou de injusta. Nem lhe atirou ao autor as pedras, com que, por menos, me tem obsequiado.

Ruminemos, pois, o caso, tal qual o conta o ex-ministro da fazenda.

Queriam elevar em grande escala os impostos municipaes. Mas o sentimento publico se agastava, mais teso que de costume, contra a medida, e certos jornaes, ainda não apalpados com os carinhos da prodigalidade administrati-

va, afinavam na mesma solfa com o azêdo murmurar da communitade irritada.

Que fazer? Buscar entre os contribuintes, pela convicção esclarecida e mudada com um exame sério e um debate largo do assumpto, o consentimento nos sacrificios, de que se necessitava? Isso não, que demandava tempo, diligencia e sinceridade.

Havia outro caminho, curto e suave: esportular o jornalismo accommodaticio. Dest'arte se passaria por cima da opinião publica, açai-mando-lhe com doirados os advogados naturaes, e por opinião publica se embutiria o tintinar e retinir das propinas, saccolejadas no bolso dos maus jornalistas, pagos repletos.

Felizmente, segundo o testemunho do seu illustre ex-ministro, o presidente da republica repugnou á suggestão, acatando, assim, os direitos da nação a uma publicidade sincera, a um systema de imprensa, que não furte os governos aos deveres da sua responsabilidade.

Então por que fugir do inquerito ?

Mas, se assim é, quem depois veio a divergir daquelle presidente, foram os seus amigos, ao supporem que o discurso do ex-ministro da fazenda preenchia as condições do inquerito requerido, e ao embaraçarem essa averiguação, de que os amigos leaes desse ex-chefe da nação e elle mesmo deviam ser os propugnadores mais convencidos.

O inquerito, e só o inquerito, é que viria clarear as obscuridades existentes, e remover as

duvidas suscitadas, a beneficio mesmo da presidencia arguida, se ella não receiava a severidade e largueza de uma ventilação cabal do assumpto.

Mas a todos os interesses, ainda os do proprio governo accusado, se sobrepõe o de que se não quebre a tradição de irresponsabilidade, em cuja observancia todos os nossos governos possiveis se consideram solidarios, attenta a expectativa de a virem, ulteriormente, desfructar, da mesma sorte que os seus antecessores a desfructaram.

Como quer, porém, que se ultimasse aquelle incidente, delle, senhores, bem vêdes quanto se colhe de esclarecimento, no que respeita á taxa moral de certa classe de jornalistas e á não menos relaxada moralidade official nas relações do nosso governo com elle.

Os rombos da caixa

Dessas relações, todavia, quando se aventa alguma coisa, quer pelos jornaes, quer no parlamento, é fitando-se os olhos sómente no emprego directo e descoberto das consignações orçamentarias, como se não fosse da natureza desse commercio podendo e inconfessavel o girar subteraneamente, o trilhar sempre vias solapadas, o fugir á luz do dia como as aves e sevandijas nocturnas. Não seria com os oitenta contos da mensalidade subministrada pela policia ao gabinete presidencial que se custeasse a mercantilagem da imprensa negociista. Para transacções de tão volumoso tomo seria ridicula essa quantia.

Os grandes canaes desse trafico eram outros. Já eu o disse. Mas não será ocioso repetil-o.

Era, primeiramente (*à tout seigneur tout honneur*), o ministerio das relações exteriores, a maior barraca da feira, a comprar e vender, não só aqui, mas no estrangeiro, e a que o privilegio de sacar sobre a nossa delegacia em Londres ensanchava, nas suas operações, facilidades invejaveis.

Era, par a par, o Banco do Brasil, por cuja impenetravel carteira corriam, com praça de emprestimos, quasi nunca resgatados, as liberalidades de mais vulto, escapando alli a execução das ordens presidenciaes, á syndicancia de qualquer outra autoridade.

Era o invio e insondavel Lloyd, com os meândros, escaninhos, solapas e encobertas do labyrintho da sua administração, agora, ainda bem, sujeita a um começo de saneamento, que, desde o honrado Sr. Barbosa Lima, não vae saindo sem espinhos aos seus iniciadores.

Era o abysmo das verbas secretas, em cuja applicação já se não quer reconhecer ao parlamento o direito de meter o nariz, nem mesmo quando o mau cheiro de immoralidades notorias tresande ao longe, e da politica nacional passe a infestar a internacional.

Eram os empregos inuteis e ociosos, as sinecuras de todas as especies, os *farnientes* de todas as marcas, as folhas de encostados, os gabinetes dos ministros, as invenções de consulados, as ajudas de custo, as commissões de passeio com vencimentos em oiro no estrangeiro, as concessões, contractos, empreitadas, tarefas, li-

cenças, accumulações, isenções e mercês de toda a ordem, entre as quaes ha isca e aitzol para todos os gostos e categorias de corruptibilidade.

Numa palavra, eram as mil têtas, os ubres, maiores ou menores, ressumantes de grosso leite em eterna apojadura, desse animal multimam-mio, a que ora se chama nação, ora administração, ora fazenda, orçamento, ou erario, e de cujos peitos se dependuram, aos milhares, as crias vo-razes na mamadura, mamões e mamadores, para cuja gana insaciavel não ha desmame.

Por que é que alguns calam

Prestem silencio embora os grandes da im-prensa ante este espectaculo, cuja vergonha en-che a nossa vida contemporanea. O silencio dos grandes muitas vezes não significa outra coisa que a sua condescendencia com os attentados. Quando o professor Wuttke escreveu o seu cele-bre livro sobre o *Reptiliensfond*, entre os crimes de que mais fazia cargo ao governo germanico, sobrelevava o de certos principes da imprensa, que, não só «guardavam silencio» acerca dos maiores abusos do poder, mais ainda «reviravam todo o seu fuor contra os liberaes empenhados em clamar justiça e liberdade.» (*Wuttke: Le Fonds des Reptiles. Trad. Pomerai. Pg. 167.*)

Quaes os amigos da imprensa

Nem o eximio publicista allemão, arcando contra essas pustulas do bismarekismo na sua obra de prussianizar os estados allemães, cuidou

jamais que desservisse o jornalismo, quando lhe levava a lanceta aos tecidos em gangrena. «Com o revelar de todos esses abusos, que eu tenho trazido á luz, e sondado tão a fundo mediante estas pesquisas, o que sempre tomei a peito, é dar resalto aos direitos da imprensa e á importancia dos jornalistas.» (*Ib.*, pag. 1).

Da mesma convicção estou eu possuido, quando insisto em reagir contra a lepra, com que a politica dos nossos dias está grassando o jornalismo brasileiro. Tenho certeza, adquirida na experiencia do mundo inteiro, que este mal de môfo e bafio, creado á sombra e no charco, não se cura senão a poder de ar livre e luz solar. É obra da mentira; e a mentira não se medica homeopaticamente, com os seus semelhantes. O remedio da mentira está na verdade. A republica, entre nós, se consagrou ao culto da mentira. Só nos salvaremos, oppondo a essa idolatria a religião da verdade.

Veritas carissima

Tres ancoras deixou Deus ao homem: o amor da patria, o amor da liberdade, o amor da verdade..

Cara nos é a patria, a liberdade mais cara; mas a verdade mais cara que tudo. *Patria cara carior— Libertas, Veritas carissima.* (LIEBER, *Reminos cences*, pg. 42). Damos a vida pela patria. Deixamos a patria pela liberdade. Mas patria e liberdade renunciamos pela verdade. Porque este é o mais santo de todos os amores. Os outros

são da terra e do tempo. Este vem do céu, e vae á eternidade:

A moral dos povos livres

Nenhum paiz salva a sua reputação com os abafos, capuzes e mantilhas da corrupção encapotada.

Durante a campanha da Criméa, em 1854, o *Times*, o jornal dos jornaes europeos, não hesitou em romper na mais tremenda hostilidade contra a administração militar da Grã-Bretanha, sustentando que o seu serviço era « infame, *infamous* », que os soldados enfermos não achavam nem camas, onde jazessem, que o exercito, gasto, desmoralizado e miserando, não tinha, em Balaclava, nem onze mil homens, capazes de entrar em combate.

Russell, o famoso correspondente desse jornal britanico no theatro da guerra, perguntava, em carta, a Delane, o celebre director do grande orgão: « Que hei-de fazer? dizer estas coisas, ou calar? » Mas o interrogado não hesitou na resposta. As instrucções, em que lha deu, recommendaram-lhe, com energia, « fallar verdade, sem indulgencia, nem receio. » O *Times*, declaravam ellas, o *Times* não admittia « véus ».

Era opinião do seu editor que, « nas circumstancias do caso, a publicidade constituia o meio de cura indispensavel. » Embora chégassem a dizer que « o exercito devia lynchar o correspondente do *Times*, » embora o principe consorte o apodasse de « miseravel libelista, » embora

o presidente do conselho dissesse, no *Foreign Office*, que « tres batalhas campaes, ganhas pela Inglaterra, não a restituiriam do damno » causado pelas correspondencias e editoriaes daquella folha, o *Times* não variou de rumo, de attitude e de franqueza até o termo da luta do Reino Unido com o imperio russo.

Sabeis com que resultados, senhores? A camara dos communs acabou por mandar abrir, em 1855, um inquerito sobre a situação do exercito em Sebastopol. O gabinete caiu demolido pela campanha do terrivel órgão londrino. As mais eminentes autoridades militares declararam, afinal, que elle, « narrando com fidelidade ao publico os padecimentos da tropa, salvara o resto do inglês ». O governo da rainha Victoria, pela voz de Gladstone, agradeceu a Delane « o valioso apoio » (palavras suas), « o valioso apoio » do *Times*, subscrevendo, sem reservas; o principio, seguido por elle, de que « nunca se deve encobrir ao publico circumstancia alguma, quaesquer que sejam os inconvenientes da sua divulgação ». « DARENT: *John Thadeus Delane*, vol. I, pgs. 176-8, 199-202, 206 — ED. COOK: *Delane of the Times*, pg. 81-93. »

O exemplo norte americano

A's circumstancias da guerra puzeram o nosso officialismo em declarado *flirt* com os Estados Unidos. Mas este namoro de conveniencia, felizmente seguido com sympathia pelas sinceras inclinações do povo brasileiro ao norte-americano, não é, da parte dos nossos homens

políticos, uma aproximação, que se inspire no conhecimento da grande nação, cujas instituições imitamos nas apparencias exteriores, ignorando-as de todo no seu espirito e realidade.

Se a politica brasileira tivesse noticias exactas da politica americana, para lhe merecer a estima, deligenciaria parecer-se a este alto modelo, não nas feições desagradaveis, de que ella tem consciencia confessa, nos vicios, de que tudo envida por sarar, mas nas virtudes sérias e grandes, de que nutre o mais justo orgulho.

A verdade antes de tudo, senhores. Não quero, nem quereria nenhum de vós, que o Brasil viesse a ser o simio, o servo, ou a sombra dos Estados Unidos. Não acho que nos devamos entregar de olhos fechados á sua politica internacional, se bem haja entre ella e a nossa interesses communs bastante graves e legitimos, para nos ligarem na mais inalteravel amizade, e nos juntarem intimamente em uma collaboração leal na politica do mundo. Tal o meu sentir, de hontem, e amanhã. Assim o espero com a segurança de quem não cede a impulsos, mas a convicções amadurecidas em dezenas de annos de estudo constante daquella incomparavel democracia e seu papel na evolução contemporanea.

Quanto em mim caiba, estarei sempre disposto a concorrer para a mais sincera, a mais estreita e a mais pratica amizade entre os dois povos, sem damno das outras, que tambem nos são mui caras e, cada qual ao seu aspecto, não menos indispensaveis.

Quaesquer, porém, que sejam as divergencias admissiveis quanto á maneira de ver daquella nação extraordinaria a respeito de problemas internacionaes, não vejo, no tocante á politica interior, isto é, no tocante ás instituições que nos são communs, não vejo, torno a dizer, como uma republica americana possa olhar com desdem a superioridade republicana da maior, da mais robusta, da mais vivaz das republicas modernas. Os Estados Unidos não são o paiz do *dollar* e do *bluff*, a terra da vaidade e da megalomania, que alguns observadores habeis e interessantes, mas apressados e superficiaes, nós têm pintado.

Não ha nenhuma democracia de mais vida, nenhuma constituição mais admiravel, nenhuma opinião publica mais realmente soberana que as daquella maravilhosa nacionalidade, cuja vocação evidente no plano de evolução christã do genero humano lhe assegura destinos análogos, em poder e esplendor, em utilidade e grandeza, aos dos maiores imperios civilizadores que o globo tem visto, desde o de Roma até ao da Grã-Bretanha, desde o que deu ao mundo os codigos eternos do direito privado, até ao que o dotou com as instituições, hoje universaes, da liberdade e do systema representativo.

Aquella nação, entretanto, senhores, tem experimentado a corrupção politica numa escala tal, que só a intensidade sem par das energias poderia comportar sem arruinamento ou degenerescencia das suas qualidades essenciaes.

Mas, senhores, o que sobresae nos Estados Unidos, não é a extensão das aberrações obser-

vadas nos costumes do seu regimen. Não, senhores. Não é isso, mas as incomparáveis forças de resistencia e eliminação, de preservação e revivescimento, com que o seu organismo, tão gigantesco na vitalidade quanto na grandeza, reage de continuo, sem se decompor, nem abater, contra os vícios que o ameaçam.

Esses vícios enxameiam alli como os productos malignos da exuberancia do solo e das excitações do ambiente numa selva tropical. Receiariéis que essa vida subalterna e damninha acabasse dominando a redondeza, e submergindo na inundação da vida parasitaria a grande vegetação dos arvorêdos. Mas o proprio hálito da floresta a saneia. A sua sombra mesma a limpa das vidas rasteiras, que lhe rojam pelo chão, e um trabalho de reconstituição irresistivel dia a dia vae renovando, na brenha, a multidão frondejante, agigantando os colossos da matta, e alentando-a para contar os seculos de sua duração ulterior pelos numerosos annos do seu primeiro crescimento.

Conheceram os Estados Unidos a corrupção desde a idade dos patriarchas, desde as administrações de Washington, Adams e Jefferson. (HOAR: *Autobiography*, v. I. pg. 305. — BROOKS: *As others see us*, pg. 335-6). Os depoimentos do tempo da guerra civil sobre a dilapidação, o negociismo e a furacidade nas pastas militares durante o governo de Lincoln dão a idéa de «uma enchente de corrupção, que alagava o paiz, e subvertia o senso moral do povo». (RHODES: *History*, v. III, pg. 483, 573-5, v. V, pg. 216-19).

Calcula-se que, das despesas totaes da União durante a luta separatista, uma quarta parte eram de character fraudulento e criminoso. (*Ib.* v. V, pg. 220). Em 1862, no Michigan, uma violenta moção, adoptada pelo congresso do Estado, exige, para os ladrões publicos, para os salteadores do Thesoiro, a instituição da força. (*Ib.*, pg. 215). Com as duas administrações do general Grant o devorismo administrativo chega á preamar. (*Ib.*, v. VII, pg. 182-9, 194-212). De 1868 a 1871 irrompe, com o Tweed Ring, «o escandalo que mais fez pelo descredito da democracia americana.» (HART: *The American Nation*. vol. XXVI, pg. 171-2).

Em Nova York, a maior das capitães americanas, tamanha chegou a ser outr'ora a corrupção politica, que a assembléa municipal obrigou os seus membros a tomarem, por juramento, o compromisso de não venderem os seus votos. (GRAHAM BROOKS: *As Others see us*, pg. 338).

Não ha muito que o dr. Albert Shaw denunciava, na *Review of Reviews*, o regimen ferroviario dos Estados Unidos como um systema de malversação geral, em que uma oligarchia de plutocratas absorve a nata da producção do paiz, embolsando surratemente centenas de milhares de milhões de dollars. (*Ib.* pg. 245-6).

LINCOLN STEFFENS, autor de dois livros tremendos, «*A vergonha das Cidades*» e a «*Luta pela Semecracia*», (*Self Government*), brada, á boca cheia, que já não ha, nos Estados Unidos, «governo do povo pelo povo para o povo, mas governo do povo pelos velhacos, para os

ricos.» (UPTON SINCLAIR: *The Industrial Republic*, pg. 150). Ao mesmo tempo, os melhores observadores estrangeiros, com os quaes estão de accordo as melhores autoridades americanas, accusam os partidos e os seus costumes, naquelle paiz, «de annullarem a acção politica dos individuos por um modo mais completo do que o das peiores aristocracias, e realizarem, pelo despotismo dos mandões politicos (*bosses*), a tyrania dos capitalistas». (Brooks: *Op. cit.*, pg. 269-70).

Mas, deante de taes chagas, como se houveram, como se tem havido, como continuam a se haver os partidos, os homens e os jornaes de responsabilidade? Queriam, ou querem, por ventura, como aqui se está querendo, que se entrecerrassem as janellas á luz, para deixar a immoralidade a seu gosto, com pretexto de não se desacreditar o paiz?

Não, senhores, pelo contrario. O que se tem feito sempre, nos Estados Unidos, é investir sem piedade contra esses desafôros, e entregal-os á uma publicidade inexoravel.

A commissão nomeada em 1862, para conhecer das irregularidades encontradas na pasta da guerra, conclue o seu relatorio declarando haverem-se descoberto «fraudes impudentes e gigantescas no governo», confessando-se «acabrunhada de assombro e tristeza com as revelações apuradas», mas opinando que «*a um povo livre não se deve occultar* coisa alguma do que tão intimamente o interessa.» (RHODES: v. V, pg. 217).

Na convenção republicana do Estado de Nova York, em 1876, uma das mais nobres fi-

guras da politica americana, George William Curtis, desfralda aos ventos a bandeira da verdade, como a da salvação publica. «A linguagem clara é a melhor», diz elle. «As corrupções descobertas da administração publica em todos os sentidos, que acabam de culminar, por ultimo, na peita do ministro da guerra, por elle mesmo confessada, a tendencia incessante dos funcionarios e agentes administrativos, neste paiz, a substituirem, de continuo e a todo custo, os seus interesses pessoaes, as organizações dos partidos, têm suscitado por toda a parte apprehensões entre os amigos do governo livre, sobresaltando, ao mesmo tempo, e assustando a massa honesta do partido republicano.» (RHODES: *History*, v. VII, pg. 192-3).

O ministro da guerra, a que alludia Curtis, era o general Bellenap, em cujo processo de responsabilidade por concussão, um dos americanos mais conhecidos pela inteireza puritana do seu character, o senador Hoar, funcionando como agente da accusação, reuniu alguns dos exemplos mais graves e inquestionaveis de corrupção naquella terra em uma passagem memoravel nos annaes da eloquencia americana.

«A minha vida publica», dizia elle, «muito curta e insignificante, mal excede a duração de um termo do mandato senatorio. Mas, neste breve periodo, vi eu postos fóra dos seus cargos cinco juizes de um alto tribunal dos Estados Unidos por ameaças de processo como prevaricadores ou venaes. De labios amigos ouvi cair sobre nós o labéu de que, quando os Estados Unidos se apresentaram no Oriente, para tomar

parte, com o mundo civilizado, em uma generosa competencia das artes que nos alimentam a vida, *o unico producto das instituições deste paiz, no qual se avantajava elle a todos os demais, era a sua corrupção.* No Estado que a todos os outros da União sobreleva em poder e opulencia, vi quatro juizes dos seus tribunaes responsabilizados por venalidade e o governo da sua capital reduzido á ignominia e convertido em fábula do mundo. Vi o presidente da commissão de guerra na camara dos representantes, hoje membro distincto desta côrte, levantar-se da sua cadeira, e requerer a expulsão de quatro dos seus collegas, por haverem posto á venda a sua autoridade na selecção dos jovens admissiveis como alumnos em a nossa grande escola militar. Quando se concluiu essa via férrea, a maior do globo, que unifica este continente, e põe em contacto os dois grandes mares cujas ondas lavam as nossas costas, vi o triumpho e a exultação nacionaes mergulhados em amargura e opprobrio deante dos pareceres unanimes, onde tres commissões do congresso, na camara e no senado, mostraram como na execução daquelle grandioso commettimento reinara passo a passo a fraude. Tenho ouvido assoalhar, nas mais altas regiões, por homens encanecidos na politica, a impudente doutrina de que o verdadeiro caminho para alcançar o poder, na Republica, é romper a nação por meio dos cargos instituidos em seu proveito, e de que o verdadeiro objecto do governo, uma vez obtido, consiste em obedecer ao egoismo, saciar a ambição, e servir ás vinganças pessoaes. Tenho visto a suspeita seguir

o rasto até aos auxiliares do Presidente, até aos homens de sua confiança. São factos estes, que a história já recolheu.» (GEORGE F. HOAR: *Autobiography of Seventy Years*, v. I, pgs. 307-8).

Taes as palavras, com que, no senado americano, desvendava as ulceras da politica de sua terra, da sua administração, da sua justiça, o honesto republicano, cuja carreira parlamentar mediu trinta e cinco annos de extensão; que com essa mesma energia de 1876 soube verberar, em 1902, a politica do seu paiz nas Felippinas, como a verberou, ainda, na questão de Panamá, e que, a poder de veracidade e independencia, grangeou, nos Estados Unidos, o nome de modêlo das virtudes do homem publico entre os estadistas do seu tempo.

E' que por homem publico, alli, não se entende o que em certos outros paizes como esse, muito nosso conhecido, no qual um senador, saindo em terra, na capital de um dos Estados por onde passava, com duas mundanas pelo braço, que levava de bordo como respeitaveis senhoras, as apresentava a um jornalista, que de caminho encontrou, dizendo-lhe:

« — Apresento-lhe duas collegãs nossas ».

« — Como assim ? »

« — Mulheres publicas...homens publicos... »

Natural era que nessa estima tivesse os homens publicos do seu paiz, que os considerasse como a metade complementar das mulheres publicas, o cabotino graduado, a quem não repugnava andar pelas ruas de sua terra, a cara descoberta, entre duas messalinas, de braço dado a uma e outra.

Mas, geralmente, nos paizes christãos, a noção do homem publico não é a do individuo de casa aberta á prostituição d'alma como á do corpo as vendilhôas de prazeres sexuaes. Ahi, o homem não é publico, vendendo-se a todos, mas velando por todos, trabalhando no serviço de todos, consagrando-se á honra de todos, fazendo a todos o sacrificio do seu tempo, da sua intelligencia e de sua vida.

Como tal, o homem publico é o homem da confiança dos seus concidadãos, o de quem elles esperam a sciencia e o conselho, a honestidade e a lisura, o desinteresse e a lealdade; é o vigia da lei, o amigo da justiça, o sacerdote do civismo. Não pode ser o composto de uma tribuna e uma alcôva, de uma escola e um balcão, de uma penna e uma gazúa, de uma consciencia e uã mascara. Só assim estará na condição de inspirar fé aos seus conterrâneos; e, se na fé consiste a crença, na fé a segurança, na fé a salvação, ninguém põe a sua fé senão onde tenha a convicção de se achar a verdade.

Logo, senhores, se o homem publico ha-de viver da fé que inspirar aos seus concidadãos, o primeiro, o maior, o mais inviolavel dos deveres do homem publico é o dever da verdade: verdade nos conselhos, verdade nos debates, verdade nos actos, verdade no governo, verdade na tribuna, na imprensa e em tudo verdade, verdade e mais verdade. Pois, senhores, a politica brasileira, e, em especial, a politica bahiana de hoje, inverteu esse principio elementar. Em lugar de verdade, verdade e mais verdade, mentira, mentira e mais mentira: só mentira, mentira e men-

tira. Mentira nas instituições. Na administração mentira. Na tribuna, e no telegrapho, e nos jornaes, mentira, rementira e archimentira.

Ai do que não acceitar a libré desta servidão ignobil! Como esses terriveis esqualos, cuja voracidade assombra os mares, o monstro melindrado contra elle volverá todos os incisivos dessa multipla dentadura, de que a natureza dotou aquella especie carniceira. Dêsde o mexerico e a mentirola até os mais graúdos maranhões, as novellas mais desabaladas e as calumnias mais sanhudas, mais insolentes, mais nêgras, tudo se multiplicará, borbulhando em fervedouro derredor do infeliz, que não sabe accommodar-se ao systema da embusteria, da intrujice e da burla consagradas. Convertem-lhe nos seus contrarios as qualidades mais evidentes: o talento em estupidéz, a honradez em improbidade, a pureza em devassidão. Intelligencia? Será um burro. Sciencia? Um analphabeto. Honestidade? Um ladrão. Cidadão, filho, marido, pae de familia reconhecidamente exemplar? Um canalha. Um parricida. Um devasso. Um crapuloso.

Já se ao menos esse forjar da mentira ao sol em pino corresse por conta particular dos que lhe batem a moedagem, e a põem em giro. Já se o seu despejo se contentasse com desmentir o adagio de que moeda falsa de noite passa, com exercer á luz do dia o seu mister de falsarios, com falsar á claridade meridiana pesos, medidas e moedas, com citar de falso, trucar de falso, arguir em falso, e testemunhar falso, não a meio rosto, mas cara a cara, entrando em desafio rasgado com a verdade notoriã e conhe-

cida por tal. Já se não passassem dahi os excessos, desatinos e tresvarios da impudencia, muito, mais que muito e muitissimo seria, para que lho tolerassem, onde quer que algum traço restasse do respeito do homem a si mesmo, do habito de se reagir contra o crime ao menos nas suas insolencias.

O mais grave, porém, é que alem desse mais que muito, desse muitissimo, desse muito e muito, ainda vão elles mui muito e muitissimo mais longe, entregando-se de bandeiras despregadas a esse descaradissimo, nojosissimo e perniciosissimo systema de falsificação publica, de falsificação ostentativa, de falsificação em aberta orgia, entregando-se a elle por conta dos governos, por conta da nação, por conta do povo, á custa de cujo suor, de cujas contribuições e de cujo dinheiro se pagam os estipendiarios da maior das torpezas, os deshonoradores da mais nobre das profissões, os mercadeiros da mais ignobil das mercaturas: os vendedores da imprensa ao poder.

Essas casas de prostituição intellectual, estariam todas fechadas se lhes não valessem as chaves do thesoiro nacional, dos thesoiros estaduaes, dos thesoiros municipaes que fazem todas naquellas fechaduras tão á justa quanto nas dos cofres publicos, de que deviam ser guardas, e são gazua, para os despejar e recheiar do seu conteúdo as arcas desses estafadores privilegiados.

O publico não lhes merca os esqualidos productos. Ninguem esperdiça os seus nikes em tão vis alcaides. São as administrações publicas as que lhes custeiam a producção. Muitos desses

alcoices não se abrem senão para o consumo dessa clientela, tão subida no grau da posição, quanto rebaixada na villania do abuso. Mas apenas se alistam na vida airada, e se dão a conhecer, ao mesmo passo que a freguezia limpa os evita, logo as vae buscando a clandestina concubinação do erario, e dahi a nada mais uma impudencia se esgargala no meretricio da mentira subvencionada, mais uma pécora começa a crear banhas, suar falsidades e vomitar eructações prostibulares ao serviço da republica, do estado, ou das municipalidades.

A consciencia popular, mãe dos adagios, não ignora a regra de que *quem mal vive, por onde pecca, por ahi se castigue*. Por isso as castiga no bolso, negando-lhes os suspirados tostões. Mas que monta o cobre do povo a quem, com o perder, por isso mesmo ganha o oiro das administrações endinheiradas? Com a sombra destas, a seu soldo e sob as suas ordens, se instauram, chamando-se jornaes, esses armazens, essas fabricas, esses teares da mentira, onde noite e dia se urdem e tramam, se recamam e bordam, se estampam e marcam, se negociam e retalham, se expedem e distribuem á circulação da mais baixa curiosidade perfidias, villanias, escandalos, horrores, tudo, em summa, tudo quanto possa alimentar a industria da falsidade, o commercio da intriga, a desprezível arte da vilipendiação, o ministerio professo de adulteração da verdade.

Esses almocreves de pêtas, esses recoveiros de maranhas, esses mascates de aleives, esses atacadistas e varejistas da mentira, ninguem os

conhece melhor do que os que os assalariam, do que essas administrações desbragadas, uma de cujas mãos entra sorratamente nas arcas do erario, para as desvalijar do que com a outra metem nas algibeiras á imprensa cõrrompida.

Bem sabem esses governos que tudo mente num tal systema. Mentem elles, quando compram esses instrumentos. Mentem esses instrumentos quando se lhes vendem. Mentem vendidos e vendedores, compradores e comprados, vendendo aos consumidores das suas drogas, aos leitores dos seus escriptos, por verdadeiro o que á legua sabem uns e outros ser absolutamente falso. Mentem elles todos uns aos outros, a si mesmos estão mentindo, e ao publico não cessam de mentir com as suas noticias e o seu phraseado, com os seus assertos e as censuras, as suas indignações e severidades. Mentem no que asseveram e no que negam, no que inculcam ou occultam, no que accusam, ou advogam. Ainda calando, ainda omittindo, ainda se abstendo, continuariam a servir á mentira; porque abstenções, lacunas e silencios, tudo se merca e paga, tudo se apreça e contracta, materia de compra e venda é tudo.

Essa gente, industriada em denegrir, a expensas do suor dos contribuintes, aos brasileiros incorruptos, em lamber com servis adulações as mãos do peculato, que a engorda, em cobrir com vernizes e doiraduras as mais abjectas acções dos poderosos, que a sustentam, é a que não tolera as almas ainda limpas as asperidades da revolta contra o mal, os rigores e franquezas da verdade.

Havemos de nos inscrever todos na mesma cumplicidade com a pôdre oligarchia, que nos submerge em opprobrio. Havemos de nos mancomunar unanimes com os usufructuarios da putrescencia constitucional, que desnatura a nossa nacionalidade. Havemos de transportar á politica brasileira a philosophia dos antigos putredinarios, reverenciando na podridão uma das collaboradoras da Providencia na renovação dos entes creados. Havemos de renunciar ao proprio olfacto, desenvolvendo em nós uma anosmia voluntaria, para não sentir os miasmas do podreiro, cujas exhalações, atravessando o oceano, já nos tem denunciado, na Europa, aos auditores de industriaes, negociantes e capitalistas, como o mais corrompido governo e o povo mais corrupto da terra.

È bem, senhores? Não tereis vós mesmos ouvido, todos quantos me estaes escutando, esses pregões de vilipendio, cujos brados, contra nós, de quando em quando, se lançam e resoam alem-mar, no velho continente e neste, entre banqueiros e commerciantes, entre prestamistas e financeiros, entre associações, empresas e syndicatos, que, tendo empregado o seu dinheiro e credito em negocios brasileiros, nenhuma conveniencia poderiam ter em nos marear a reputação, em nos promover o desconceito, em fomentar, assim, a baixa dos valores, onde trazem applicados os seus capitaes e envolvidos os seus interesses?

Pois que! esses homens de negocio, esses especuladores em titulos nossos, esses administradores de concessões publicas, de explorações

mercantis, de estabelecimentos industriaes no Brasil, esses detentores de papeis de credito da União, dos nossos estados ou dos nossos municipios, em vez de recommendarem as suas mercadorias, animando a procura dos valores, com os quaes commerciam, tão sem accordo e tino andam, que vão ser os primeiros a despreçal-os no mercado, a lhes afugentar os compradores, a combalir a segurança dos seus proprios committimentos, as condições de sua prosperidade, a indispor-se com o governo de cuja autoridade e com o povo de cujo concurso tanto dependem?

Já se vê que não. Se contra o que claramente lhes seria de toda a prudencia, a taes liberdades se abalançam, é que no proprio campo dos seus legitimos interesses palparam uma realidade indissimulavel, e deixam as cautelas de parte, levados alem de tudo o que poderiam tolerar, calados, por se tratar de casos, nos quaes, ainda quando não pudessem cumprir o dever de lealdade para com os seus constituintes, menos que correndo todos os riscos, mais valeria correl-os, do que faltar á fé, e cair da honra, colaborando num silencio de cumplicidade.

Se das severidades em que, dest'arte, incorre o governo, alguma parte resvala até o povo, é que o sizo de todos os observadores sensatos, de todos os espectadores desinteressados e intelligentes, de todos os bons juizes deparaveis entre creaturas pensantes se recusa a conceber que no seio de uma nação moralizada se succedam sem resistencia e transmittam pacificamente o poder umas ás outras administrações empapadas em deshonestidade, sem que á conveniencia pu-

blica se enseje, mais dia menos dia, algum meio de se desapressar das nojosas tyrannias da corrupção.

São coisas, que entre nós se admittem, por estarmos attreitos a vel-as, mas que, fóra daqui, não se vendo nunca, a ninguem se antolham possiveis. Taes raridades moraes é necessario, sentindo-as com os proprios sentidos, experimental-as directamente, para lhes cogitar na possibilidade. Quem as não viu, não as crê.

Mas porque será que a tão altas vozes taes coisas de nós se tem dito no estrangeiro e contra nós por alli correm mundo? Será por ventura que os delatores de similhantes vergonhas lhes hajam bebido a noticia na grita das opposições, e, meros ecos de atoardas calumniosas, as revendam como lhas venderam, sem exame e pela toada?

Bem se está vendo que não. Deu-lhes o cheiro a elles mesmos, e pelo faro seguiram no rasto das coisas. Escutaram com os proprios ouvidos. Viram com os seus olhos. Tiveram nas mãos contas e algarismos, papeis e documentos, os mais dos quaes não seriam de publicar. Fallam, em summa, de especies, nas quaes são testemunhas directas, prevenceaes, oculares, habilitadas a saber de raiz, interessadas em conhecer de veras, obrigadas a não fallar senão ao certo.

Ora, isto supposto, senhores, quem é que subministra, no interior e no exterior, as más noticias do Brasil, aos que delle mal julgam, mal dizem, e escrevem mal os dados accusadores?

Pois então, se, quando nós arguimos os nossos costumes políticos e administrativos de corrupção ou immoralidade, não fallassemos verdade segura e sabida, não tivéssemos por nós a realidade evidente e notoria, esses argentarios estrangeiros, esses administradores estrangeiros, esses elementos da opinião conservadora aqui e no estrangeiro, iriam bandear-se com as opposições, a que nenhuma communhão de interesses os liga, para as servir na divulgação de caprichosas falsidades, inimizando-se com as administrações de boa nota, em quem os seus direitos não houvessem encontrado aggravos, e debaixo de quem os seus interesses prosperassem com o prosperar geral dos do paiz? Essas vozes, conservadoras e praticas, ordeiras e desinteressadas em nossas contendas intestinas, vozes de elementos que, pelo mundo todo, puxam, de sua natureza, para o governo e o principio da autoridade, — essas vozes emanam da experiencia dos que as levantam, e surgem do seio de interesses honestos, conculcados ou maltratados nos seus direitos. São, portanto, a linguagem dos factos, conhecidos e meneados por quem melhor os podia manear e conhecer, interpretados e arguidos por quem mais sobre seguro os poderia entender e arguir.

São homens, que, postos em contacto com a publica administração pelos vinculos regulares da sua dependencia, pelas relações naturaes dos serviços, em que presidem, com as autoridades centraes, estaduaes, ou locaes, trataram a miude e de perto ministros, governadores, intendentes, senadores e deputados, frequentaram as secreta-

rias, palmilharam os corredores dos congressos, conheceram os corretores administrativos ou parlamentares, viram jogar o mysterio dos bastidores nos negocios do poder, e se pronunciam como quem sondou as coisas na surgente de suas causas, no intimo dos seus segredos, no mais certo das suas realidades.

Se, pois, é destas que nascem, e com ellas que se autorizam essas queixas, essas accusações, esses libellos tremendos, em que, de longe a longe, irrompe contra nós a verdade nos circulos commerciaes, financeiros ou monetarios de um e outro continente, nada levam de novo á opinião estrangeira as revelações do nosso jornalismo, as indiscrições da nossa tribuna, as vehemencias de linguagem da nossa opposição contra os desmandos, attentados ou escandalos officiaes no Brasil.

Na sciencia de tudo isso andam os estrangeiros, que tem negocios commosco, mais correntes do que nós mesmos, quando bem informados. Do concurso desses averiguadores interessados na exacta elucidação da verdade, resulta uma syndicancia constante, uma inquirição expontanea, um rigoroso conhecimento das circumstancias mais miudas e dos mais secretos incidentes da nossa vida, até onde possam interessar o juizo dos outros povos sobre o character, a civilização e o governo do nosso.

As opposições brasileiras, portanto, não vendem, nem podem vender bullas falsas ao estrangeiro acerca do Brasil. Em mentindo, não illudirão a vigilancia desse tribunal permanente. Em fallando verdade, por muito acerba, cruel e desabrida que seja ella, na substancia ou na ex-

pressão, bem fóra de rebaixar a nossa nacionalidade, não servirá senão para a honrar no conceito das outras, mostrando-lhes que a sociedade brasileira, a opinião brasileira, a consciencia brasileira não morreram, e reagem, ao menos intellectual e moralmente, contra os cancrios da nossa politica, da nossa administração e do nosso governo.

Quem subministra, pois, elementos de descredito do paiz, não são os cauterizadores do mal, senão os seus autores; não são os que expõem o mal á luz e ao ar, para lhe dar cura, mas os que o querem ter em abafos, para lhes dar vida, não são os que, discutindo o mal, mais cedo ou mais tarde sabido sempre, apenas, com a publicidade na censura, infligem aos abusos dos governos e ás mazellas dos seus cúmplices a correcção peculiar á natureza publica da sua situação e dos seus actos. Não, não são esses. São os que, a pretexto do bem e decoro geral, sómente buscam no silencio, porque instam, o commodo e abrigo das suas cubiças e ambições.

Tem cabellos brancos o annexim, velho e revelho, onde a sabedoria dos nossos maiores nos ensinava que *em pessoa de sceptro não ha vicio secreto*. Só os monarchas eram então pessoas de sceptro; e, com serem, como eram, absolutos, já os seus humildes vassallos não lhes admittiam mancha, que se não descobrisse. Que fará nas democracias de hoje? Que não será nos regimens, onde se proclama a soberania do povo? Ahi *as pessoas de sceptro* são todas as que têm o mando nos negocios communs, dêside

o chefe do Estado até os eleitores, desde os legisladores até os juizes, desde os tribunos até aos jornalistas. O poder não é um antro: é um tablado. A autoridade não é uma capa, mas um pharol. A politica não é uã maçoneria, e sim uma liça. Queiram, ou não queiram, os que se consagraram á vida publica, até á sua vida particular deram parêdes de vidro. Agrade, ou não agrade, as constituições que abraçaram o governo da nação pela nação, têm por suprema esta norma: para a nação não ha segredos; na sua administração não se toleram escaninhos; no procedimento dos seus servidores não cabe mysterio; e toda encoberta, sonegação ou reserva, em materia de seus interesses importa, nos homens publicos, traição ou deslealdade aos mais altos deveres do funcionario para com o cargo, do cidadão para com o paiz.

Acabarem os povos não menos que como acabam os enfermos desenganados, ignorando o de que padecem, o que os ameaça, o em que estão na contingencia de morrer, boa lei será para a moral dos tyranos e dos escravos. Mas as raças chegadas á maioridade e não resignadas á tutella dos interdictos não se educam para o governo de si mesmas, senão examinando, sabendo e discutindo tudo. Ahi, por agros e amarissimos que sejam os assumptos ventilados, quando a verdade o exige, muita vez se perderá por carta de menos, mas por carta de mais não ha perder nunca.

Quanto mais robusta uma nacionalidade, mais largos os seus costumes no exercicio desse direito. E' um dos symptomas, por onde melhor

se revela, em qualquer communitade, a sua boa saúde moral. As que não supportam com serenidade a discussão dos escandalos publicos, e não reconhecem o civismo dos que, para os desmascarar, se affrontam com o poder, o dinheiro, a soberba dos grandes, ainda bem longe se acham dessa autonomia, em que se lhe embala a vaidade.

Se nisto erro, se esta não é, realmente, a verdade certa e sem engano, morrerei então, já não ha remedio, morrerei na ignorancia dos meus deveres mais elementares. De todos elles, com effeito, o em que, desde o meu balbuciar na vida publica, tenho levado a mira, é nesse: não transigir com a força, o poder, ou o escandalo; fallar dos crimes publicos tanto mais alto, quanto mais graduados sejam; romper com mão intrepida o sigillo, onde se encovam os vicios cortejados; trocar todos os commodos pelos riscos de ser o missionario da verdade, quando em torno della tropeia, de arco e flecha, na selvagem dança dos aborigenes da republica brasileira, a sanha dos nossos civilizados, os barbarizadores da politica nacional, os autores do retrocesso moral do Brasil e da estupenda ruina da Bahia.

Toda a vez que a imprensa ou a tribuna me solicitam, que para ellas me attrae a corrente desse fluido irresistivel na direcção dos actos de minha vida, sempre se me formúla dilemmaticamente o problema da minha attitude nestas duas alternativas: acamaradar-me com os dissimuladores das situações em que os interesses individuaes conspiram contra o bem

publico? ou servir a todo o transe o bem publico, embora ire, arme e junte contra mim os interesses particulares? Por outra: amortecer a consciencia sedenta de verdade com o sussurro das conveniencias, sempre á mão dos nossos appetites e, a pedir por bocca, ao alcance de todos elles? ou pôr a verdade e a consciencia acima de qualquer consideração menos alta, dê no que dêr, succeda o que succeder?

Eis a questão. Eis o dilemma. Ser, ou não ser. Ser ou não, ser pelos mandamentos de Deus. Ser homem, ou animal. Ser espirito, ou coisa. Ser coração, ou ventre. Ser vontade, ou instrumento. Ser da minha patria, ou da minha algebeira. Ser do Brasil, ou dos que o exploram. Não o «ser ou não ser» do monologo de Hamleto, o ser ou não ser entre dois mysterios insondaveis. Mas o ser ou não ser entre duas soluções simples, ambas egualmente accessiveis á discrição humana, o ser ou não ser da lei, que já fulgurava nas táboas do Sinai: Não levantarás falso testemunho. Isto é, senhores: Não mentirás.

A solução, pois, não, era das que trazem atalhados e suspensos os grandes entendimentos. Quem quer que a quizesse, a tinha á mão de semear. Era a solução da obediencia. Da obediencia ao summo preceito: não mentir. Era muito facil. Jurei a mim mesmo essa obediencia, e nunca tergiversei na lealdade a esse compromisso. Toda a minha vida publica se resume neste lemma: não mentir.

Para não mentir ao Imperio, levantei-me contra a politica, em que elle teve a sua sepul-

tura. Para não mentir á Republica, organisei-lhe o regimen nessa constituição, onde ella teria as garantias de sua realidade, se a quizessem observar. Para não mentir á constituição, lutei, desde os Florianos até aos Hermes, contra os que a ignoraram, a corromperam, a estragaram, a destruíram. Para não mentir ao paiz, tenho adoptado por norma da minha linguagem essa independencia e intransigencia, que me converteram no alvo dos odios da machina republicana. Para não mentir aos meus proprios votos de não mentir, magôo, desgosto, e, muitas vezes, me inimizo com as proprias causas, por cujos mais elevados interesses me abnego, e sacrifico.

Amizade, amor, não os sei entender senão como nol-os dita a natureza melhorada nas lições divinas: *Quos amo, arguo et castigo*. A quem amo, advirto e corrijo. Não sei praticar de outro modo o verdadeiro bemquerer. Assim pratico o dos a quem mais amo. Assim tenho praticado o de meus filhos. Assim praticaria hoje o de meus paes, se o Senhor me houvesse dado a graça de os ter commigo, numa idade em que o meu juizo pudesse medir forças com o delles. *Quos amo, arguo et castigo*.

Concordar e amimar nada custa. Contradizer e aconselhar isto sim. Amantes nunca dissentem um do outro. Mas esposos, que não se saibam contrariar e advertir, é que não se sabem amar. E' o que vae do amor licito ao illcito, do amor puro ao impuro, do mundano amor ao amor santo. Um, todo carne, todo culpa, nasce do appetite, nelle se ceva, e com elle acaba. Por isso é só blandicias, lisonja só e só

mentira todo elle. O outro deriva do coração, e no espirito se acendra; pelo que vive de sinceridade, zelo e devoção, e todo elle é fé e confiança, todo estima e desvelo, todo escrupulo e verdade. Esta a condição do amor casto, do amor fiel, do amor consagrado: o amor dos paes, o amor dos bemcasados, o amor da patria, o amor de Deus.

Querem, agora, os que o não entendem, nem de o entender são capazes, fazer do amor da patria um amor de impureza, o amor concubinario, amor de adulação e falsidade: amor dos sentidos, amor de alcova, amor de commercios clandestinos e habitos cortezãos, amor de cubiça, immoralidade e ruina.

No pervertido sentir desses homens, a patria não é a mãe adorada pelas suas virtudes, a imagem do pudor, e da nobreza e da honra no coração de seus filhos, a immaculada e inno- doavel, aos olhos delles, no seu respeito, idolatria e orgulho. Não. E' a corrupta, a quem se desfrutam encobertamente os vicios, mas de que uma convenção hypocrita nos obriga a celebrar em publico melindres, pudicicias e santidades.

Este systema, que constitue a essencia, a quintessencia, a ultraessencia da mentira, lhe dá uma organização análoga a uma dessas industrias de duas caras, com uma das quaes se exerce o commercio honesto, com a outra um trafico vil e obsceno. Com o rosto que olha para a rua, a mercancia honrada. Com o que diz para os fundos, a pudenda. Na secção reservada, um prostibulo. No lado apparente, uma cathedral. Alli os desvãos intimos, os esconderijos seguros,

as ladroeiras bem amuradas, onde se acoita o suborno, a dilapidação e o peculato, onde a politica e administração, á puridade, se entregam a todas as ignominias do mau viver. Aqui, os salões, as galerias, os amphitheatros da comedia dramatizada, onde os mesmos actores daquellas scenas declamam e representam as da honestidade.

Os mesmos homens hão de fazer, successiva ou simultaneamente, esses papeis inconciliaveis. Os representantes do povo, que se venderam ao poder, os negociistas, que sem profissão alguma, enriqueceram dos seus votos nas comissões, dos seus discursos na tribuna, das suas corretagens nas secretarias, ou dos seus actos no governo, os *arrivistes e parvenus, os nouveau-riches ou profiteurs* do tráfego republicano, esses a quem Pinheiro Machado chamava « os gaviões de pennacho », querem ver-se acatados, querem que se lhes guarde reverencia, querem que não lhes zunam pelas orêlhas as pedradas, quando assomam ao proscenio, engravatados na solemnidade convencional, entoando epithalamios e canticos virginaes á democracia sem mancha, em cujas entranhas se geram prodigios taes de civismo e austeridade.

Eis a encenação, o palco, a rampa alagada em luz, as gambiarras accêsas *a giorno*, enquanto, para lá dos tangões donde caem os bastidores, fervilham, nos camarins, os mysterios galantes da vida real desse theatro na sua realidade. E, pela frente, nas poltronas de orchestra, nas cadeiras de estufo, nos logares privilegiados, os *criticos d'arte*, organizando a *claque* do entusiasmo, estafam os prelos não

em gabar os talentos scenicos dos grandes histriões, mas em meter nos cascos aos patu-rebas da plateia e torrinhas que não estão deante de um tablado, mas de um governo, de uma republica, de uma democracia; que os personagens do espectaculo não são comediantes de chapa, mas varões illustres, e que essas figurarias, essas embusterias, essas truancias deslavadas não constituem imposturas de um *Guignol* do genero mais desacreditado, mas rasgos de seriedade, episodios da historia honesta, verdadeiros lanços do serviço nacional.

Mas porque ir assim de encontro á evidencia das coisas? Pelo amor d'arte, natural dos homens d'arte? Bem pode ser. Arte será tudo, e tudo serão artes. Os administradores que ladripam ou ladroam do thesoiro publico, para assaltar escriptores, ou os escriptores que embolsam tão vil salario, para embutir á opinião publica o contrario do que sentem são artistas das mesmas artes: a da corrupção e a da impostura. Furtam uns e outros ao publico, para o traír. Uns e outros illudem o publico, para o despojar.

Enquanto esses casos eram esporadicos e accidentaes, enquanto, de raros que eram, mal se conheciam, enquanto a sua estranheza lhes abria derredor um circulo de repulsão geral, a imprensa defrontava os abusos do poder como um poder de correção dos seus abusos, poder temeroso e temido.

Depois, na praça interna do estabelecimen-
to, as creanças já desatimadas, beijaram-lhe as
mãos, a torção e tocaram-lhe muitas, com um
divino respeito, instintivo, escrupuloso de religião.
Também elle o portentosu Ruy, circulava a
praça, beijava muitas creanças, affastava muitas
mas, fallava — humnata é melhor dizer — riu
a todos, e a todos os olhos, e a todos os ouvidos
cantou demonstração de mimica instantânea — mais
desoladora ainda por ser tão leve, e mesmo assim
empontada, e a todos os olhos, e a todos os ouvidos
não esqueceras.

Abrigo dos Filhos do Povo

Ligeiras notas de sua historia

A visita occorreu na tarde do dia 15 de
Janeiro de 1930. A assistência visava fôr o

Em 1920, quando de sua ultima viagem a
Bahia, o Cons. Ruy Barbosa, solicitado, promette-
ra visitar a humilde casa de educação a crean-
ças pobres, encantoadas no mais remoto bairro da
cidade do Salvador, o qual, tão confinado, é o
de maior população e de miseria maior no
norte do Brasil.

Promettera, e fôra, o grande Ruy, para sen-
tir o infortunio humano no aspecto mais dolo-
roso e mais entenebrecedor: — o de um conjun-
cto de creanças andrajosas e amesquinhadadas por
varias formas de molestias e soberanamente, fome.

Quatrocentas dellas, apezar de tudo garru-
las e encantadas, cercaram-no, festejaram-no, ini-
próvisaram-lhe, emfim, extraordinaria e tocante
cerimonia de culto commoveo — até as
lagrimas o desfile das creanças compassadas
pela musica da canção do seu nome — que lhe
deixou funda memoria da casa e da tarde

Depois, na praça interna do estabelecimento, as creanças, já desarrumadas, beijaram-lhe as mãos, a roupa e tocaram-lhe, muitas, com um quasi receio, instinctivo escrupulo de religião. Tambem elle, o portentoso Ruy, circulara a praça, beijara muitas creanças, affagara muitas mais, fallara, — hymnara é melhor dizer —, rira a todas e, tocado de piedade infinita ante a chocante demonstração de mingua infantil — mais desoladora ainda por ser reflexo, mesmo assim esmorecido, da deficiencia collectiva, garantira não esquecer-as.

A visita occorrera na tarde do dia 15 de Janeiro de 1920. A instituição visitada fôra o

“Abrigo dos Filhos do Povo”

fundada em 3 de março de 1918, na Estrada das Boiadas; pelo proletario Raymundo Frexeiras, de Pernambuco, achando-se a direcção escolar do estabelecimento, desde a sua fundação até o presente, a cargo do fundador e de sua esposa.

Tres mezes depois da fundação do «Abrigo», decidida a inauguração de quatro escolas, não possuindo a instituição recursos para construção, compra ou aluguel, por menos, de um predio acondicionado ao fim, valeo-se o gestor de installal-as em duas amplas varandas lateraes do predio de sua residencia desde 1913, accrescentando, ás mesmas, abas de pindoba e madeira, para resguardo contra açoites de tempestade e as demasias solares.

Mais adiante, transbordando a população escolar da casa, realizou-se a construcção de dois

galpões de madeira e palha e de dois prolongamentos, com iguaes materiaes, das duas varandas, para alojamento, nestes e naquelles, de seis escolas mais.

A população infantil do «Abrigo», nas suas dez escolas, no encerramento do exercicio lectivo de 1924, era de 647 creanças dos dois sexos, as quaes recebem o ensino de letras e o profissional tecnico, educação moral e physica, material escolar, pequena quota diaria para alimentação, roupas e assistencia completa, gratuitos, sob o regimen de externato que, entretanto, para effectuar contacto mais demorado e, por isto, mais proveitoso, fal-as occupadas e entretidas desde ás 7 da manhã até ás 4 horas da tarde. O ensino de officios é obrigatorio.

A instituição mantem-se de contribuições mensaes, subvenção do Estado (7:000\$000 annuaes), donativos extraordinarios, beneficios etc. Conta, para o seu sustento, modesto embora, com a perseverante generosidade de numeroso corpo de protectores — cavalheiros e illustres senhoras da sociedade bahiana.

O custeio ordinario dos seus serviços escolares e de beneficencia approxima-se de quatro contos de réis, por mez.

O Abrigo dá a educação moral aos seus alumnos na base de bem applicado ensino de religião.

Directoria

Dirigem a instituição os senhores dr. Theodoro Sampaio, director-presidente; dr. Antonio do Prado Valladares, vice-presidente; dr. José de

Aguiar Costa Pinto, primeiro-secretario; João Pereira de Carvalho, primeiro thezoureiro; Fortunato Ferreira da Fonseca, segundo secretario; Plinio Tude de Sousa, segundo thezoureiro; os directores dr. Ernesto Simões Filho, Monsenhor Elpidio Ferreira Tapiranga, dr. Antonio José Seabra, dr. Eduardo Rodrigues de Moraes, dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida, dr. Aurelio Rodrigues Vianna, Pedro Bacellar de Sá, dr. Pedro Fontes, José Fructuoso dos Santos e Raymundo Frexeiras, director-technico.

A memoria do Genio e o seu legado

Ruy Barbosa não esquecerá as creanças do «Abrigo» Mandou-lhes do Rio, donativo em dinheiro e escreveu, para beneficio dellas, as paginas admiraveis da conferencia «A Imprensa e o Dever da Verdade», cujo autographo e os direitos autoraes são, hoje, propriedade da referida instituição. O seu glorioso autor projectou uma festa, no Rio, para sua leitura, com o mais accentuado caracter de beneficencia, em favor dos seus protegidos do «Abrigo», mas a morte prostrou-o antes de realisala.

Assim é que o producto da venda dos exemplares desta conferencia, nas possiveis edições, se destina a construcção de um predio para installação conveniente das escolas, de officinas, do serviço religioso e de outros mais conformes aos propositos sociaes da instituição. O que remanescer começará a formação do patrimonio.

Os fins do Abrigo

É sua missão cuidar de creanças pobres e desvalidas, melhorando-lhes, com escolhidas e bem dosadas substancias, a alma, o espirito e o corpo, até concluir-lhes o preparo, sem lacunas, em operarios capazes de se afortunarem, afortunando a Patria e a Sociedade.

A bonança do mundo só depende de serem aproveitados os parvulos abandonados de hoje, inclusive os estropeados e os deprimidos.



Raymundo Teixeira

e nunca aqui os grupos de minha
 terra. Algumas vezes, todavia, mo-
 mentanea relexidade, tenho lastimado
 não o ser, cogitando no bem, que, en-
 tãt, me concederia Deus, talvez, a graça
 de fazer aos meus nativos, aos filhos,
 como eu, este inditoso Estado. Uma
 dellas foi hoje, e agora, ao ter deante
 dos olhos o quadro da miseria infantil,
 negros quatorzenta creanças, do povo
 da Bahia, a que se lida por dar edu-
 cação aqui, neste estabelecimento, que um
 governo inimigo da instrução publica reu-
 sa contemplar com alguma das migalhas
 de sua prodigalidade, e abandona, des-
 t'arte, e viva na indigencia, para
 para acabar de morrer.

Cidade do Salvador, 15 de janeiro, 1920

Ruy Barbosa

Fac-simile do autographo em que o Cons. Ruy Barbosa exprime as impressões de sua visita ao "Abrigo dos Filhos do Povo" no dia 15 de Janeiro de 1920.

A Imprensa e o Dever da Verdade

Conferencia

(por pronuncia)

em beneficio do "Abrigo dos Filhos do Povo,"

Bahia.

Fac-simile de autographo do Cons. Ruy Barbosa, num envelope onde elle guardava as tiras da conferencia—"A Imprensa e o Dever da Verdade", a proporção que ia escrevendo.

A Imprensa e o Dever da Verdade

(Conferencia)

Linhaes

Ninguem tera mais pena que eu dos grandes auditores e condemnados por si mesmos a ouvir as muitas conferencias, longas e demoradas como costumam ser. Ninguem se condene mais que eu dessas tantas conferencias, cuja abnegacao de si proprias as offende (coisa estranha e desnatural), tanto de sua vontade e tantos vezes, ao supplicio de nãem ventar um nada pe-laneiro e tãoviso, qual me pintam

Fac-simile da primeira pagina autographica da conferencia "A Imprensa e o Dever da Verdade" escripta pelo Cons. Ruy Barbosa em beneficio do Abrigo dos Filhos do Povó, em 1920

e outros ao publico, para o tirar. Uns e
outros iludem o publico, para o despo-
jar.

Enquanto esses casos eram esporadicos e
accidentaes, enquanto, de casos que eram,
mal se conheciam, enquanto a sua exten-
za a then abria derredor um circulo de re-
publicanos ~~partidos~~ ^{partidos} geral, a imprensa defrontava os a-
gusos do poder como um poder de correspon-
der, seys abertos, poder temeroso e tímido.

Fac-simile da ultima pagina autographica da conferencia
"A Imprensa e o Dever da Verdade" escripta pelo Cons.
Ruy Barbosa.

Rio, 28.8.24

134.5 Clemente

Exm^o Sr Raymundo Freixias

A família Ruy Barbosa cede e transpõe
 ao amigo do povo, de que V.S. é o benemerito director,
 os direitos autorais da conferencia: "A Imprensa
 e o Dever da Tardade" escrita especialmente para
 aquella instituição pelo seu inextinguivel chefe.
 Com toda a consideração
 de R.S.

att^o cr^o otr^o

Mariano Bergueta Ruy Barbosa



Predio onde funcionam o Abrigo dos Filhos do Povo e suas dez escolas, desde a inauguração destas e a fundação do primeiro

Rio 28.8.24
134.5 Censuite

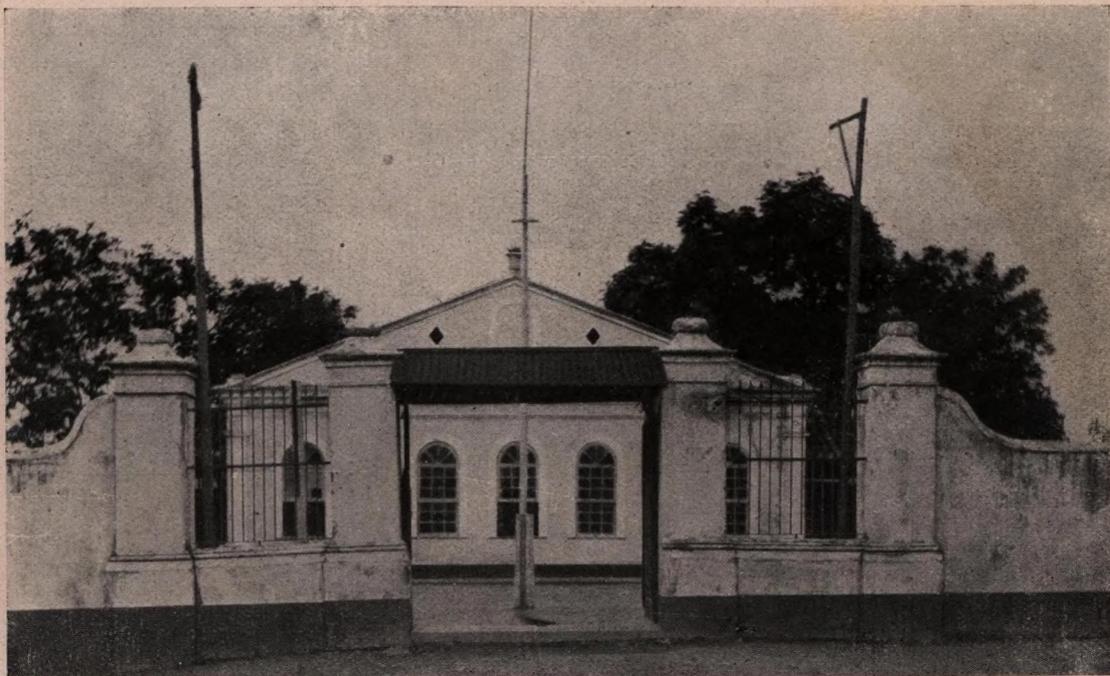
Exm^o Sr Raymundo Freixas

A familia Rey Barbosa cedo e transpore
ao cargo do povo, de que V.S. e o benemerito director,
os direitos autoras da conferencia: A Imprensa
e o Dever da Verdade² escipito especialmente para
aquella entidade pelo seu inquecivel chefe.
Com toda a consideracao
de R. S.

att^o cr^o obr^o

Maria Augusta Rey Barbosa

Documento que legitima os direitos de propriedade do "Abrigo dos Filhos do Povo" sobre esta conferencia

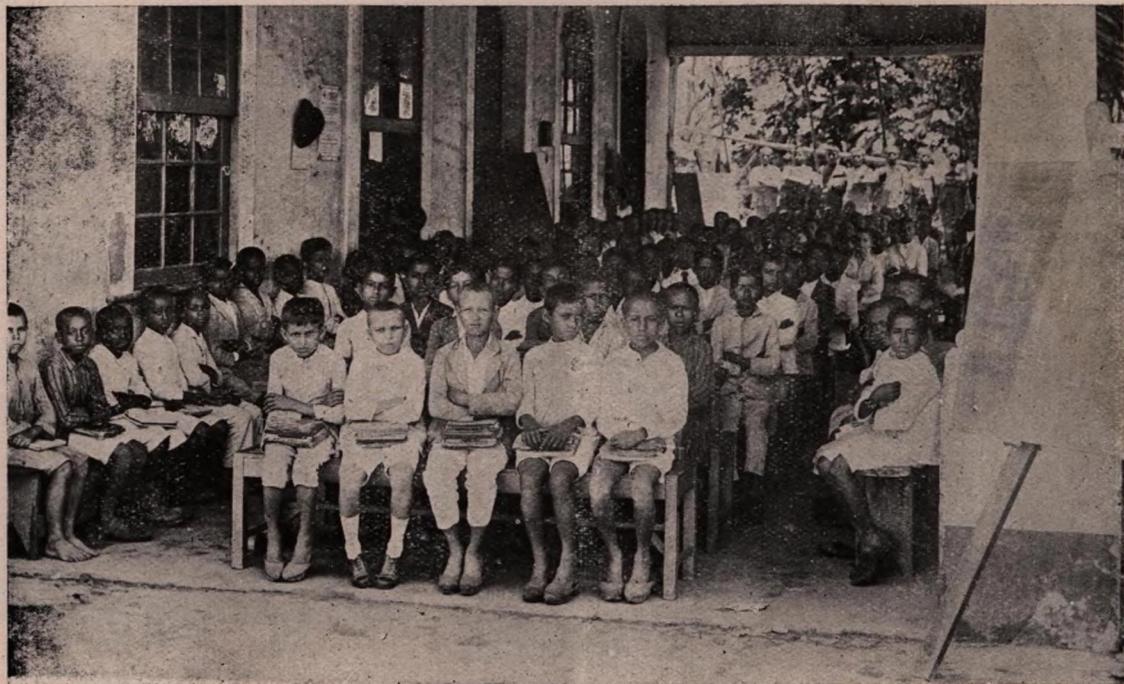


Predio onde funcionam o Abrigo dos Filhos do Povo e suas dez escolas, desde a inauguração destas e a fundação do primeiro



D. Joventina Frexeiras (esposa do director escolar), que superintende a instituição em assumptos femeninos, e os demais funcionarios, dos quaes, oito são professoras e os outros, auxiliares do ensino

Av. 3.27.4-44



Varanda lado-sul do predio principal : alojamentos e alumnos das escolas numeros 1, 3 e 6



A mesma varanda e o mobiliario das escolas numeros 1, 3 e 6

AG. 3. 27. 4. 45



Varanda lado-norte do predio principal: Alojamento e alumnas das escolas numeros 2, 4 e 5
Ao fundo vê-se a capelinha da instituição.

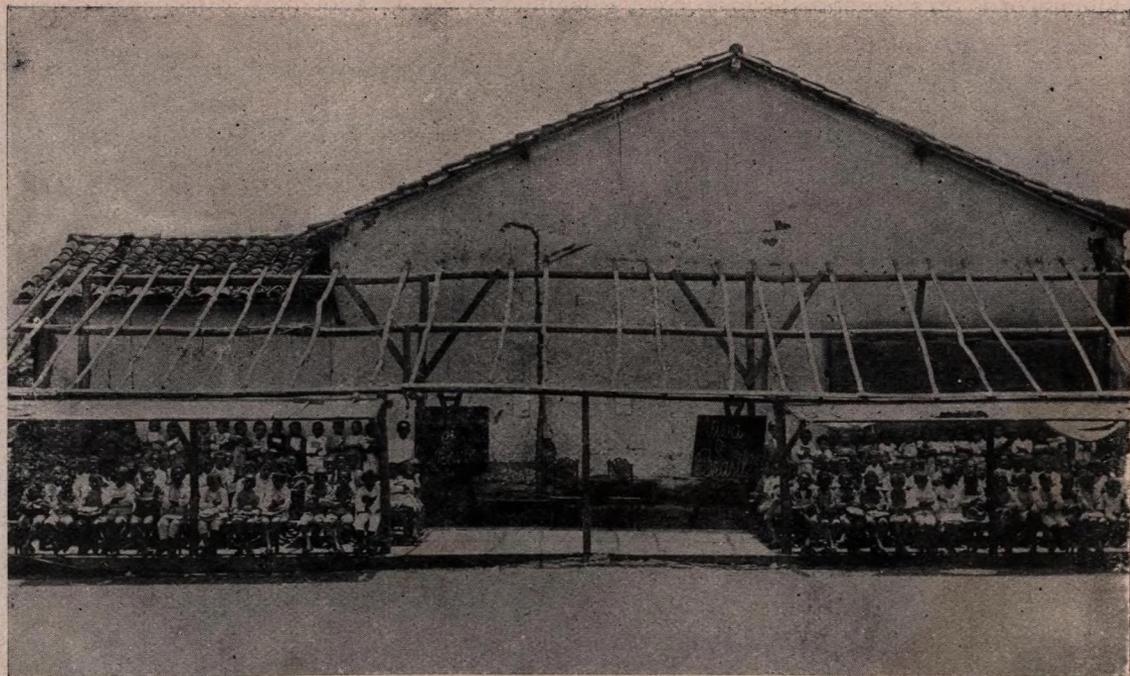


A mesma varanda e o mobiliario das escolas numeros 2, 4 e 5

Ag 3.2.7.4-46

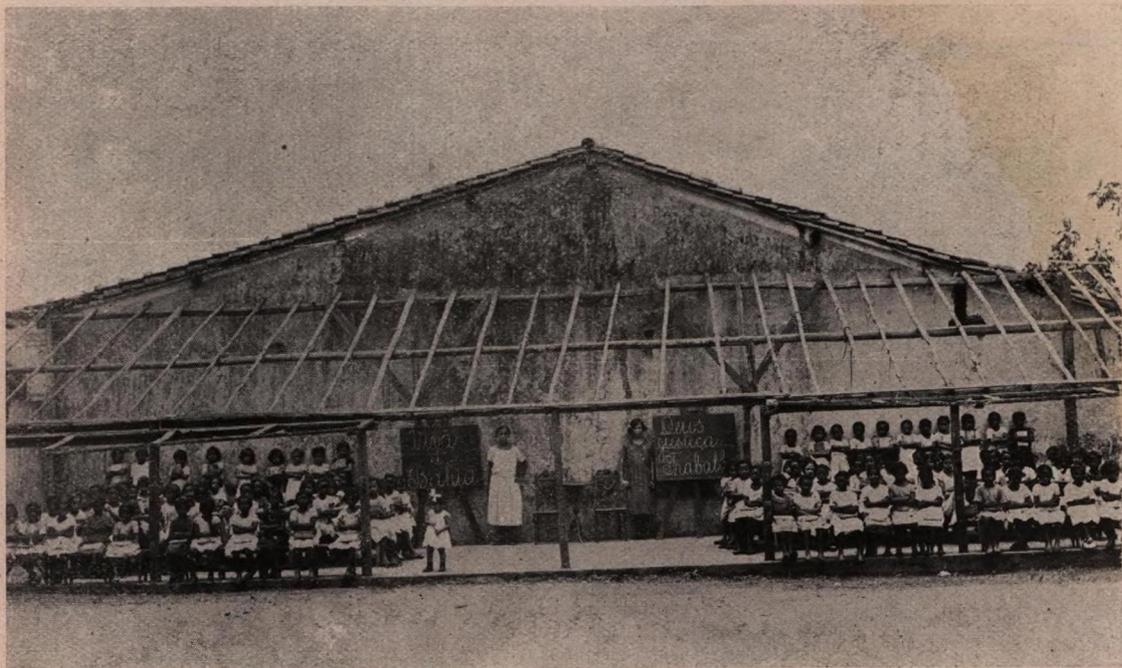


O mesmo pavilhão, de madeira e cobertura de palha, das escolas numeros 7 e 10
— com o mobiliario das mesmas —



Alojamento, descoberto, e os alumnos das escolas numeros 7 e 10. as dos pequenins do sexo masculino

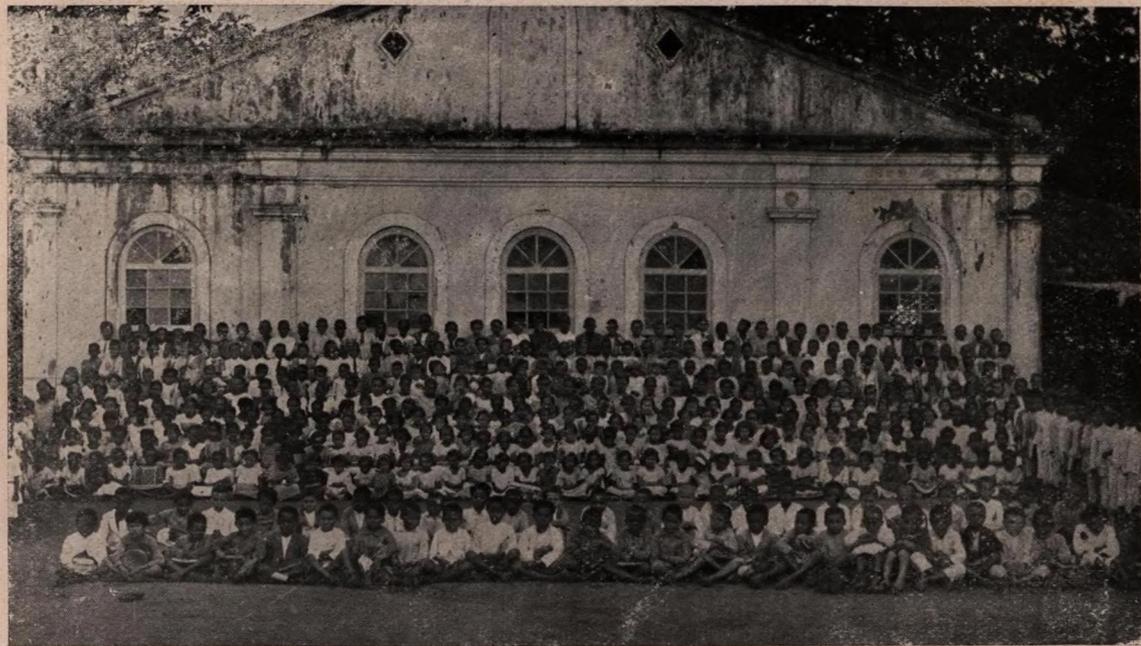
AG 3. 2. 7. 4. 47



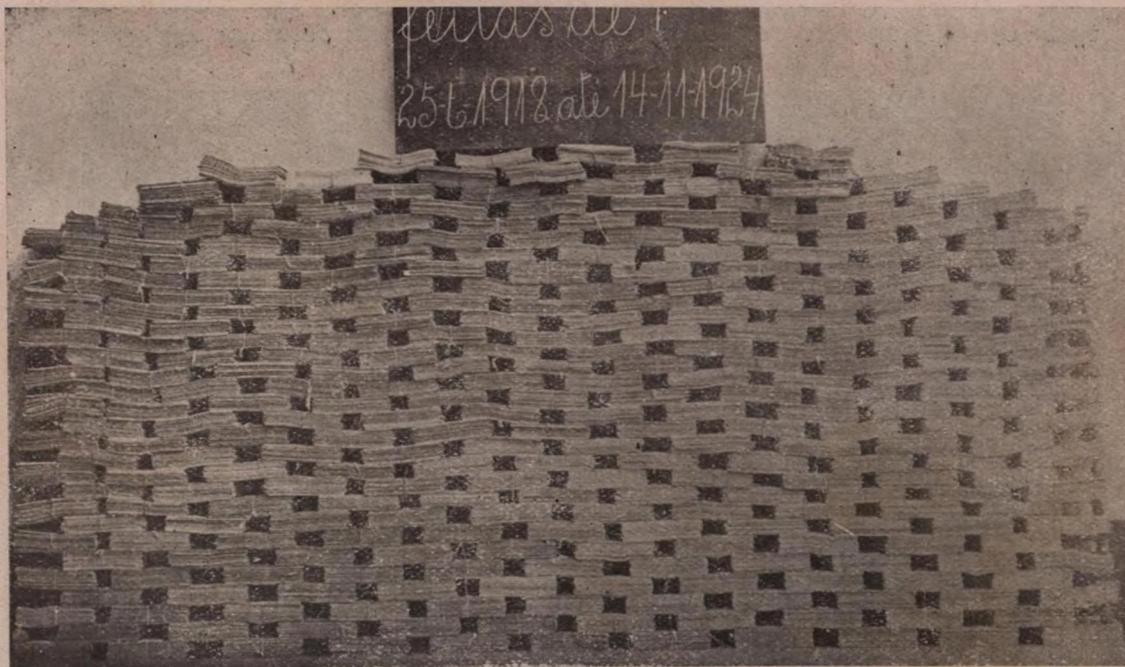
Alojamento, descoberto, e alumnas das escolas numeros 8 e 9, as das pequeninas do sexo feminino



O mesmo pavilhão, de madeira e cobertura de palha, e o mobiliário das escolas numeros 8 e 9



Alunos das dez escolas do “Abrigo” reunidos na praça interna e frente do predio-séde



Arquivo de escriptas feitas pelos alumnos do "Abrigo" desde o seu primeiro dia escolar (25 de Junho de 1918) até 19 de Novembro de 1924, dia do encerramento do respectivo anno lectivo



Alumnas das dez escolas do "Abrigo" formadas na praça do estabelecimento no dia de uma solemnidade commemorativa da visita de Ruy Barbosa ao mesmo, a qual cerimonia foi presidida pelo dr. Armando de Campos, redactor-chefe da *A Tarde*, em nome desta. — 15-1-1924

ERRATA

Página	Linha	Onde se lê	Leia-se
7	13	enregam	entregaram
8	18	ideas	ideias,
8	23	como	mas
8	30	assim,	assim
8	33	cahir	cair
9	5	vistas	vista
9	19	mais	menos
10	15	acolham	a colham
15	29	bstando-lhe	obstando-lhe
16	10	involvem	envolvem
17	23	Optimo	O optimo
18	3	o remedio já chegará	o remedio chegará
18	14	Sjeys	Sieyès,
18	28	"a imprensa	"á imprensa
20	32	idade	edade,
21	28	vem a ser	vem a ser,
22	28	rosto	rasto
24	9	toda gente	toda a gente,
25	12	quando eu redigia	quando redigia
26	5	religios	religiosos
26	10	expurgar-se	espulgar-se
26	14	estariam	estaria
26	19	imprensa	Imprensa,
28	3	do sociedade	da sociedade
29	5	apenal	apenas
29	17	subtrahida	subtraida
29	18	minha	mingua-
30	2	ex-director	ex-directores
30	5	até de 16	até 16
30	19	generosidades	generosidades
31	25	sanccione	sancciona
32	24	A papelada	§ A papelada
33	11	consignadas	consignada
33	14	tecida	tecida,
33	15	concludentes	concludente
35	15	O prefeito	"O prefeito
35	21	republica	republica.
35	22	<i>Flos Sanctorum</i>	<i>Flos Sanctorum</i>
35	25	desse	deste
36	32	tropeza	torpeza
37	14	carca da	acerca da
38	11	açaimando-lhe	açamando-lhe
38	15	pagos repletos	pagos e repletos
41	25	<i>Pomerol</i>	<i>Pomerol</i>
41	27	bismarekismo	bismarckismo
42	27	<i>Reminos censés</i>	<i>Reminiscenses</i>
44	15	resto do ingles".	resto do exercito ingles".
48	31	<i>Semecracia</i>	<i>Democracia</i>
53	18	uã	ua
64	5	uã	ua
67	1	Organisei-lhe	Organizei-lhe
69	15	<i>Parvenus</i> ,	<i>Parvenus</i>
69	16	ou	ou

O Conselheiro Ruy Barbosa não pôde corrigir esta conferencia no autographo, impedido pela molestia e pelas agitações que intranquillizaram os ultimos annos de sua vida.

Tambem a urgencia reclamada pela instituição a que a conferencia vae beneficiar justifica a impossibilidade de uma rigorosa revisão pelas pessoas encarregadas desse trabalho.

Cabe, portanto, aos leitores relevarem as faltas ou omissões verificadas na presente edição.